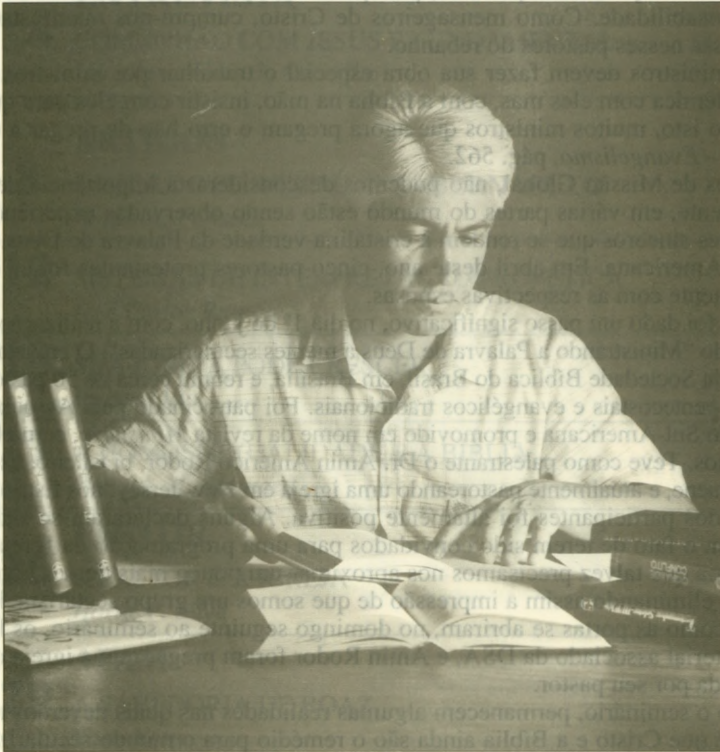

MINISÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



SISTEMAS DE INTERPRETAÇÃO PROFÉTICA

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Os outros ministros

Falando sobre o dever de alcançar pastores de outras denominações, com a mensagem adventista, Ellen White declara: “Nossos ministros devem procurar aproximar-se dos ministros de outras denominações. Orai por eles, por quem Cristo está intercedendo. Pesa sobre eles solene responsabilidade. Como mensageiros de Cristo, cumpre-nos manifestar profundo e zeloso interesse nesses pastores do rebanho.

“Nossos ministros devem fazer sua obra especial o trabalhar por ministros. Não devem entrar em polêmica com eles mas, com a Bíblia na mão, insistir com eles para que estudem a Palavra. Feito isto, muitos ministros que agora pregam o erro hão de pregar a verdade para este tempo.” – *Evangelismo*, pág. 562.

Em tempos de Missão Global, não podemos desconsiderar a importância de tais afirmações. Felizmente, em várias partes do mundo estão sendo observadas experiências magníficas de pastores sinceros que se rendem à cristalina verdade da Palavra de Deus. Inclusive na Divisão Sul-Americana. Em abril deste ano, cinco pastores protestantes foram batizados no Chile, juntamente com as respectivas esposas.

No Brasil, foi dado um passo significativo, no dia 1º de junho, com a realização de um seminário intitulado “Ministrando a Palavra de Deus a mentes secularizadas”. O encontro aconteceu no auditório da Sociedade Bíblica do Brasil, em Brasília, e reuniu cerca de 50 pastores de várias ramificações pentecostais e evangélicos tradicionais. Foi patrocinado pela Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana e promovido em nome da revista *Ministério*, como forma de evitar preconceitos. Teve como palestrante o Dr. Amin Américo Rodor, brasileiro, ex-professor de Teologia no Iaene, e atualmente pastoreando uma igreja em New Jersey, nos Estados Unidos.

A reação dos participantes foi altamente positiva. Alguns declararam-se satisfeitos e até surpresos com o fato de terem sido convidados para uma programação da Igreja Adventista. Isso nos ensina que talvez precisamos nos aproximar um pouco mais desses outros “pastores do rebanho”, eliminando assim a impressão de que somos um grupo sectarista. Para citar um exemplo de como as portas se abriram, no domingo seguinte ao seminário, os Pastores José Viana, ministerial associado da DSA, e Amin Rodor foram pregar numa igreja que lá estivera representada por seu pastor.

Concluído o seminário, permanecem algumas realidades nas quais devemos refletir: a primeira delas é que Cristo e a Bíblia ainda são o remédio para o mundo secularizado. Se contextualizarmos a mensagem de salvação, levando-a ao homem onde ele está, sem tirar-lhe a dignidade, como fizeram Deus o Pai, e Jesus Cristo, Seu Filho, ela despertará o interesse e alcançará corações sinceros. Essa foi a nota tônica da fala do Dr. Amin.

A outra realidade é que está aberta uma frente evangelística – ministros de outras denominações. E deve ser sabiamente aproveitada. Seguramente a Associação Ministerial da DSA promoverá outros encontros semelhantes. Mas, que tal se as Uniões, os Campos, e mesmo distritos, fizerem o mesmo em seus respectivos territórios? Um planejamento cuidadoso e inteligente, secundado por ação prudente e determinada, frutificará resultados inimagináveis.

“Deve-se dispensar o mais prudente e firme trabalho aos ministros que não pertencem a nossa fé”, é o conselho inspirado. “Importa que haja mais diligente buscar a Deus, mais cabal estudo; pois as faculdades mentais serão exercitadas ao máximo delineando planos que ponham a obra de Deus em mais elevada plataforma”, diz Ellen White, depois de afirmar que “muito tem sido perdido por nosso povo devido a seguirem planos tão estreitos, que as classes mais inteligentes, mais bem educadas, não são atingidas.” É tempo de agir. – *Zinaldo A. Santos*.

MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Ano 66 – Número 05 – Set./Out. 1995 – Periódico Bimestral
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

2 OS OUTROS MINISTROS

Zinaldo A. Santos

ENTREVISTA

4 COMUNHÃO COM JESUS É FUNDAMENTAL

Jetro Fernandes de Carvalho

ARTIGOS

8 SACERDOTE, VÍTIMA E TABERNÁCULO

Almir A. Fonseca

12 SISTEMAS DE INTERPRETAÇÃO PROFÉTICA

José Carlos Ramos

18 SUA IGREJA PODE CRESCER

Ruben Otto

21 A HOMOSSEXUALIDADE E A BÍBLIA

Ronald M. Springett -

PASTOR

26 O PASTOR E A IGREJA

Horne P. Silva

AFAM

29 A SABEDORIA DE BOAZ

Vasti Viana

32 BIBLIOTECA DO PASTOR

Diretor Geral: Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Zinaldo A. Santos; **Chefe de Arte:** Erlo Kohler; **Diagramação:** Josias Silva; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; Jefté Carvalho; Moisés Batista de Souza. **Capa:** William

Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 – 70279-970 — Brasília, DF.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000 – Tatuí, SP.

3046

Comunhão com Jesus é fundamental



Dr. Jetro Fernandes de Carvalho.

Nascido em 1932, em Mossoró, RN, no lar do casal José e Eulália Carvalho, o Dr. Jetro Fernandes de Carvalho passou a infância e juventude em várias cidades do Nordeste (Maceió e Viçosa, AL; João Pessoa, PB; e

Recife, PE), em virtude de seu pai ter sido um funcionário público federal. Estudou sempre em escolas públicas, e apenas um ano na Escola Adventista de Maceió. Formou-se em Medicina pela Universidade Federal de Recife, em 1956, especializando-se em Cirurgia Geral. Depois de trabalhar um ano no Hospital Adventista Silvestre, e quatro anos no Hospital Adventista de Belém, retornou a Recife, em 1962, onde permaneceu até 1981. Então mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se encontra atualmente.

Foi diretor do Hospital Adventista de Belém, diretor e chefe de clínicas do Hospital Agamenon Magalhães, em Recife, superintendente da Golden Cross, diretor técnico de Assistência Médica da Superintendência do antigo Inamps, em Pernambuco. Além dessas atividades, também foi presidente do Lions

Clube Recife-Paranamirim, membro da Sociedade de Médicos Escritores, membro da Academia de Artes e Letras do Nordeste Brasileiro, membro do Colégio Internacional de Cirurgiões. É autor de contos e

poesias publicados pela Academia de Artes e Letras do Nordeste, e de vários artigos publicados pela Revista Adventista, Ministério, e pela Review and Herald.

Foi agraciado com o título de Cidadão do Recife, outorgado pela Câmara de Vereadores local, e com a Medalha do Mérito, Ouro, concedida pela Prefeitura Municipal do Recife.

Membro atuante da Igreja em todos os lugares por onde passou, o Dr. Jetro participou, juntamente com o Professor Frederico Gerling, do primeiro programa de televisão da Igreja Adventista, apresentado semanalmente na TV Universitária, em Recife. Atualmente, além de ancião da Igreja de Botafogo, no Rio de Janeiro, é membro da diretoria da Federação dos Empresários Adventistas, FE.

De sua união matrimonial com Naara

Pessoa Rodrigues, nasceram dois filhos: Kedma e Jetro Filho.

MINISTÉRIO: *Há quanto tempo é ancião, e em quais igrejas exerceu o cargo?*

DR. JETRO: Há 35 anos venho exercendo a função de ancião de igreja. Atuei nas igrejas de Marambaia, em Belém; Central de Recife, e, atualmente, em Botafogo, no Rio de Janeiro.

MINISTÉRIO: *Atuando há tanto tempo, alguma vez se sentiu cansado da função?*

DR. JETRO: Não. Creio que não existe razão para alguém sentir-se cansado de ser um ancião, uma vez que considero isso uma vocação e não um cargo.

MINISTÉRIO: *O que o senhor acha mais gratificante em ser um ancião?*

DR. JETRO: Considero que a coisa mais gratificante no exercício do ancianato é a oportunidade de enxergar a igreja como um todo, e sentir cada uma de suas partes.

MINISTÉRIO: *E quais, a seu ver, as maiores dificuldades da função?*

DR. JETRO: Saber que podemos ajudar, mas que existem poucos dispostos a receber ajuda.

MINISTÉRIO: *Como um líder voluntário pode harmonizar afazeres particulares, assistência à família e atendimento à igreja?*

DR. JETRO: Quando se procura colocar cada coisa em seu lugar, os conflitos diminuem ou até se tornam inexistentes. Mas, na verdade, é freqüente ser prejudicada a assistência à família.

MINISTÉRIO: *Como ancião, o senhor se sente devidamente assistido pela Associação Ministerial?*

DR. JETRO: De um modo geral, poderia dizer que sim. A Associação Ministerial me envia a revista *Ministry*, que, para mim, é muito proveitosa. No entanto, minha melhor fonte de informações para o trabalho tem sido nossos livros, entre os quais, destaco primeiramente a Bíblia, a literatura de Ellen White, *Movement of Destiny*, de Froom, *Manual da Igreja*, o Comentário Bíblico, etc. Também leio muito os escritos de Morris Venden.

MINISTÉRIO: *Como o pastor e o ancião podem atuar como um dueto e não em duelo?*

DR. JETRO: Pastor e ancião podem, e devem, atuar em harmonia, para o bem da igreja que lideram. Isso é possível quando ambos conhecem suas atribuições, quando colocam os interesses da Igreja acima dos seus próprios, quando se respeitam mutuamente e decidem fazer prosperar o ministério um do outro.

MINISTÉRIO: *O senhor acha que o ministério adventista corresponde às exigências do mundo atual?*

DR. JETRO: Nos artigos publicados na revista *Ministry*, eu percebo a preocupação de qualificar o pastor para os desafios do momento. A época presente coloca diante do pastor problemas inexistentes no passado, ou, no máximo, bem mais raros. O pastor tem a obrigação de ser um homem bem informado e, infelizmente, os seus líderes nem sempre tomam providências concretas para que isso seja possível de forma permanente. Esse é um assunto que realmente precisa receber um trato carinhoso.

O pastor precisa estar preparado para enfrentar um mundo secularizado e em constantes mudanças. A era da Informática, por exemplo, permite a construção de uma rede acessível a todos.

MINISTÉRIO: *Quais são, em sua opinião, os maiores perigos que ameaçam o ministério?*

DR. JETRO: O maior perigo que ameaça o ministério é não manter um relacionamento pessoal com Cristo, e substituí-lo por atividades para Cristo. Outro perigo que posso mencionar é a tentação de aceitar a mediocridade, revestindo-a de espiritualidade, de espírito promocional, entusiasmo inócuo, falsa vibração e aparência de ânimo. Esse perigo leva a outro, que é o da auto-suficiência, responsável pelo atravancamento de setores importantes da Obra, como a comunicação, o levantamento de fundos, o gerenciamento de pessoal e de recursos, etc.

Para vencer esses perigos, o pastor deve primeiramente dedicar tempo à comunhão pessoal com Jesus. Também deve ter humildade para aceitar sugestões de leigos especialistas em áreas importantes da Obra. Finalmente, deve reconhecer que sua principal missão é apresentar Cristo de tal maneira que as pessoas se apaixonem por Ele.

MINISTÉRIO: *Descreva o perfil de um pastor ideal.*

DR. JETRO: O pastor ideal realiza-se na realização pessoal dos seus membros; cuida dos fundamentos da Igreja e motiva os membros na construção da igreja dos sonhos deles. Mostra sinal de maturidade, ao aceitar, sem retaliações, as divergências em assuntos não fundamentais. Transforma as boas idéias e os bons planos dos membros em seus próprios planos; dá aos membros um exemplo pessoal de comunhão com Cristo, procura estar bem informado para pregar sermões

simples e poderosos, que possam ser entendidos pelos iletrados e aceitos pelos pecadores, conduzindo todos a Cristo.

MINISTÉRIO: *Como o senhor vê a Igreja hoje? Está na direção certa, em termos de missão? Cumpre o seu papel na sociedade?*

DR. JETRO: A Igreja, hoje, compreende melhor seu papel de hospital. Não é tolerante com o pecado, mas considera mais o pecador. Em termos de missão, sempre está na direção certa quando prega “Cristo e Este crucificado”. Todavia, insiste em posições que impedem a utilização de todo o seu potencial.

De um modo geral, os membros não sabem dar estudos bíblicos, não conhecem as nossas bases doutrinárias e não têm prática de abrir a Bíblia e expor a Verdade. Deveríamos transformar as nossas igrejas em salas de aulas, com ênfase na doutrina e como apresentá-la.

Que tal a Escola Sabatina dedicar um trimestre por ano à preparação dos membros para sua missão? A Missão Global teria mais sucesso se o seu alvo fosse fazer de cada membro um obreiro bíblico.

MINISTÉRIO: *A que o senhor atribui a ainda reduzida participação dos membros nas atividades missionárias?*

DR. JETRO: Podemos enumerar algumas razões: Primeira, a falta de conhecimento da doutrina e de como apresentá-la, como foi dito anteriormente. Em segundo lugar, existe má compreensão das atividades missionárias, vistas ainda como encargo e não como realização pessoal. A terceira razão é má orientação. Há muita promoção de outras atividades sociais em detrimento de atividades missionárias. Quando a igreja se envolver mais em atividades missionárias, as outras atividades serão desenvolvidas necessariamente.

Finalmente, há certo desânimo por parte dos membros ao tomarem conhecimento de alguns vícios administrativos como, por exemplo, aumento do número de Associações e Uniões. Isso acarreta mais despesas com pessoal e instalações de escritórios, rebaixando o nível do pastor distrital, que acaba sobrecarregado e vítima de uma inversão na escala de valores, segundo a qual ele é inferior aos departamentais e administradores.

MINISTÉRIO: *Que meios o senhor acha que poderiam ser utilizados para alcançarmos as classes altas?*

DR. JETRO: Já possuímos o melhor meio – o programa *Está Escrito*. Quando a Igreja como um todo acordar para o potencial que esse programa oferece, veremos uma enxur-

rada de conversões nas classes altas.

Precisamos eliminar todos os obstáculos que impedem o avanço do *Está Escrito*.

Todos, pastores e membros, precisam contribuir mais, promover o programa em sua cidade, prestar a devida assistência aos interessados, enfim, transformar o *Está Escrito* no instrumento missionário número um de sua igreja.

MINISTÉRIO: *O senhor vê alguma ameaça à integridade doutrinária da Igreja?*

DR. JETRO: Não. Nosso corpo de doutrinas é monolítico e obedece ao princípio do “tudo ou nada”. O número de membros convictos é tão expressivo que não há terreno propício à apostasia corporativa. Qualquer ameaça à integridade doutrinária só frutificará se os membros forem mantidos na ignorância. Se correremos para conquistar o tempo perdido e instruímos, com dedicação e perseverança, todos os membros, esta será a nossa melhor defesa.

MINISTÉRIO: *A seu ver, qual é a maior necessidade da Igreja hoje?*

DR. JETRO: A maior necessidade da Igreja hoje é de comunhão pessoal, íntima e permanente com Cristo. Aí está o esconderijo da nossa força, do nosso ânimo e do nosso amor.

MINISTÉRIO: *Que tal a participação feminina e de empresários nos negócios da Igreja, como ocorre atualmente?*

DR. JETRO: A participação feminina é inevitável, em nosso tempo. Se Jesus mandou que roguemos por mais obreiros na seara, como deixar de lado as mulheres? No passado, o concerto de Deus era com os homens através da circuncisão. Hoje, o batismo dá aos homens e às mulheres os mesmos direitos e privilégios.

Por outro lado, há como uma demanda reprimida nas mulheres. Quando elas tiverem oportunidade de usar seu potencial de amor pelas almas, de dedicação à missão e de zelo pelo seu papel de mulher, veremos, pela graça de Deus, um crescimento acelerado da Igreja. Parece que muitos homens têm medo disso e ficam ciumentos.

O papel dos empresários nos negócios da Igreja é uma exigência do nosso tempo. Foi-se a época em que o pastor era um sabedor, mas alguns aparentemente continuam com o mesmo medo dos fariseus: “tomarão o nosso lugar”. Pelo contrário, os pastores ficarão mais fortalecidos, quando se aperceberem que a divisão de tarefas e delegação de responsabilidades farão com que a Igreja

creança, e eles, pastores, serão cada vez mais necessários e importantes.

As mensagens de Apocalipse 14 são apresentadas por anjos e isso significa poder, força, inteligência, sabedoria, senso de oportunidade, adaptação ao tempo e às circunstâncias, qualidade e eficiência. Como não somos anjos, temos de somar dons, habilidades e recursos. O ministério da igreja precisa ser mais sábio para usar os recursos humanos e materiais que estão à disposição, para que não fique obsoleto e, por isso, descartável.

MINISTÉRIO: *Qual a doutrina bíblica que mais lhe fala ao coração?*

DR. JETRO: A justificação pela fé em Cristo. Como pecador, só mereço a morte, mas Jesus me dá perdão, aceitação e vida eterna. Isso me tira toda a preocupação e ansiedade, e me infunde alegria, paz e segurança. Sei que Ele Se deleita em me proteger, cuidar, manter, defender e curar. Alguém sabe de alguma coisa melhor?

MINISTÉRIO: *Com sua experiência, que conselhos daria a um ancião mais jovem?*

DR. JETRO: Não queira ser o dono da igreja. Procure servir, apenas, onde e como for necessário. Ore, estude e medite, e logo a igreja vai saber que pode contar com você para a solução de todos os seus problemas.

MINISTÉRIO: *Uma palavra aos pastores de sua Igreja.*

DR. JETRO: Em primeiro lugar, minha homenagem aos pastores e suas famílias, que se dedicaram ao serviço do Senhor. Minha gratidão pelos conselhos e orientações que recebi ao longo da minha vida. Minha admiração quando os vejo enfrentar toda sorte de dificuldades para cumprir sua missão. Minha compreensão quando verifico que procuram tirar da fraqueza força, e das limitações a superação de si mesmos, pela graça de nosso Senhor Jesus Cristo, E, finalmente, meu entusiasmo quando permanecem firmes em sua vocação, apesar das lutas, aflições e carências. Que Deus os abençoe ricamente em seu ministério.

Sacerdote, vítima e tabernáculo

ALMIR A. FONSECA

Ex-editor de Ministério, jubilado, reside em Tatuí, SP.

Na comparação que estabelece entre Cristo e os sacerdotes levitas, o autor do livro aos Hebreus dedica algum tempo tratando do tabernáculo. Especialmente os capítulos oito e nove falam de maneira mais demorada desse assunto. Era necessário que, assim como o sacerdote instituído por lei, também nosso Senhor tivesse um tabernáculo onde exercer o Seu ministério, e que esse tabernáculo fosse superior ao figurativo.

Principalmente no capítulo nove da epístola aos Hebreus, o autor procura estabelecer uma comparação entre o que chama de “o tabernáculo”¹, dividido em uma parte chamada Santo Lugar e outra denominada Santo dos Santos, e o tabernáculo “maior e mais perfeito”, mediante o qual Cristo “entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção”.²

Os versos 11 e 12 nos dão conta de que Jesus valeu-Se de duas coisas para entrar no Santo dos Santos: “o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, quer dizer, não desta criação”, e o Seu próprio sangue. Basta fazermos a pergunta ao verbo *entrar*, para constatarmos que assim acontece. Quando perguntamos a este verbo: mediante o quê entrou Cristo no Santo dos Santos? A resposta encontrada no verso 11 é que isso aconteceu “mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, quer dizer, não desta criação”. E no verso 12, “pelo Seu próprio sangue”.

Que Jesus tenha entrado no Santo dos Santos “pelo Seu próprio sangue”, é assunto que não exige tanto esforço para entender, uma vez que era com sangue que o sumo sacerdote levita entrava no Santo dos Santos.

Tirante o fato de que, no caso de Cristo, o sangue levado para dentro do segundo compartimento era o do próprio oficiante, e não o de animais, a linguagem utilizada pelo escritor bíblico não demanda grande empenho da mente para ser compreendida.

Contudo, já não parece tão difícil entender que Jesus tenha entrado nesse mesmo Santo dos Santos “mediante o maior e mais perfeito tabernáculo” – um tabernáculo em cuja elaboração não entrou o trabalho de mãos desta criação. Como poderá ter Ele entrado no Santo dos Santos, a parte mais sagrada do tabernáculo, “mediante o maior e mais perfeito tabernáculo”? Que tabernáculo é esse? Uma vez que o tabernáculo era um móvel, um objeto, como poderá ter Ele entrado por esse móvel em outro, mesmo que se trate do tabernáculo do qual o terrestre era uma cópia?

Corpo e cálice

Existem, nos evangelhos, certos fatos que vemos seguidamente sem, contudo, notar qualquer coisa que nos desperte a atenção. Não obstante, bem faríamos em desejar saber o motivo pelo qual tais registros ali estão, ainda que sem o propósito de querer ir além daquilo que convém saber, como disse o apóstolo Paulo.

Um desses registros é o da Santa Ceia. Quando Se assentou à mesa para celebrar essa cerimônia com os discípulos, “Jesus tomou o pão, e abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, e disse: Tomai, comei, isto é o Meu corpo”.³ Poderia ter servido apenas o cálice, símbolo do Seu sangue,

caso não houvesse em Seu corpo virtudes redentoras. Contudo, não só serviu o pão, mas salientou o aspecto salvífico a ele ligado. Conforme o evangelista Lucas, Jesus serviu o pão acompanhando-o das palavras: "Isto é o Meu corpo oferecido por vós."⁴ É, portanto, tão grande o valor do corpo de nosso Senhor, quanto o do Seu sangue. Só o fato de as Escrituras considerarem o sangue como a vida,⁵ e esta como representando o ser todo, pode dar ao sangue uma aparente superioridade sobre o corpo. Jesus, porém, igualou esses dois valores em Sua pessoa.

Portanto, se entendermos por "tabernáculo" o corpo de Cristo, em Hebreus 9:11, torna-se imediatamente compreensível o que o escritor deseja dizer, ao afirmar que Jesus entrou no Santo dos Santos "por um maior e mais perfeito tabernáculo". Pois Seu corpo possuía tanto mérito quanto Seu sangue, para entrar no Santo dos Santos. Cumpre lembrarmos o que de Jesus está escrito no livro aos Hebreus: "Com efeito nos convinha um sumo sacerdote, assim como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores, e feito mais alto do que os Céus."⁶ Essas

qualificações, alcançou-as Cristo em Sua vida diária, enquanto aqui esteve. "Com forte clamor, e lágrimas",⁷ ofereceu Ele "orações e súplicas a quem O podia livrar da morte". E fez isso "nos dias da Sua carne", ou seja, como pessoa que buscava a santificação.

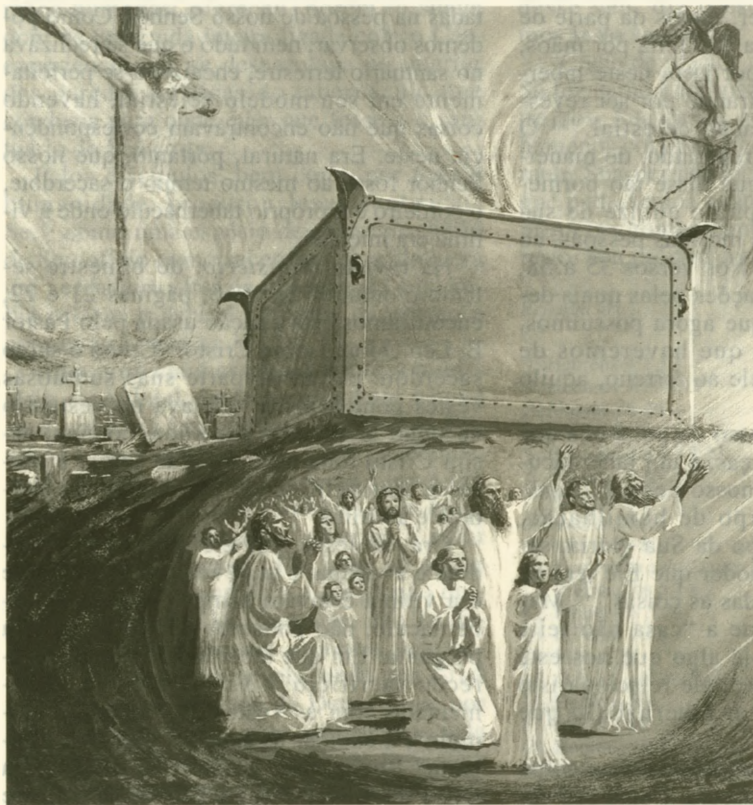
Esse corpo, que procurou santificar mediante uma vida de ligação com o Pai, entregou-o Ele, ao dizer: "Isto é o Meu corpo ... isto é o Meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos, para remissão dos pecados."⁸

Reconstruindo o santuário

Que Jesus atribuía a Seu corpo o significado de um tabernáculo, é claramente expresso no Evangelho de João. Em resposta ao sinal que Lhe foi pedido como prova de Sua autoridade para expulsar do templo os cambistas, sugeriu Ele: "Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei."⁹ Ante a surpresa dos interlocutores, pelo fato de o templo de Jerusalém ter sido edificado em quarenta e seis anos, explica o evangelista: "Mas Ele falava do templo do Seu corpo."

Logicamente, quando Cristo fez a sugestão a Seus contemporâneos, o tabernáculo como tal já não existia. Em seu lugar se encontrava um suntuoso templo que, conforme a declaração bíblica, levava quarenta e seis anos para ser edificado. A linguagem do livro aos Hebreus, contudo, pode estar mais voltada para os tempos do tabernáculo transportado pelos israelitas, durante anos, do que para o majestoso templo dos dias de Jesus.

Ao comentar o texto bíblico acima, escreve o Dr. Mário Veloso: "O próprio Jesus é o Templo que os judeus destroem. Ao destruir o propósito pelo qual



o templo foi estabelecido, estão destruindo a Jesus. Só os discípulos, após a ressurreição de Cristo, entenderam que a missão de Jesus era o evento escatológico para Israel como nação. Aceitam-no como o verdadeiro templo de Deus no qual a divindade, em Sua plenitude, Se faz presente (João 1:14 e 16). Somente a fé pode apropriar-se desta plenitude de Deus que os discípulos receberam após a ressurreição de Cristo Jesus (João 2:22).¹⁰

Pode aumentar a nossa estranheza o fato de o escritor bíblico referir-se a um tabernáculo “não feito por mãos, quer dizer, não desta criação”. Entretanto, não é a única vez que essa expressão é usada com relação ao corpo de alguém, e possivelmente pelo mesmo escritor do livro aos Hebreus, caso tenha sido Paulo o autor dessa epístola.

Em sua segunda carta dirigida aos coríntios, o apóstolo dos gentios usa algumas figuras para representar o corpo humano. A primeira delas é “casa terrestre” e, juntamente com esta, a palavra tabernáculo. Suas palavras são as seguintes: “Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos Céus. E, por isso, neste tabernáculo gememos, aspirando por ser revestidos da nossa habitação celestial.”¹¹ O apóstolo parece estar repetindo, de maneira abreviada, aquilo que disse tão pormenorizadamente no capítulo quinze de sua primeira carta àquelas mesmas pessoas, ao falar da ressurreição. Nos versos 35 a 58, ele fala das transformações pelas quais deverá passar o corpo que agora possuímos, e do glorioso corpo que haveremos de possuir. Aí, antepõe ele ao terreno, aquilo que é do Céu.

Paulo cria que o nosso corpo, ainda que necessitado de mudanças, é um tabernáculo. Sabia que um dia nosso Senhor “transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da Sua glória, segundo a eficácia do poder que Ele tem de até subordinar a Si todas as coisas”.¹² Mas em que pese dizer que a “casa não feita por mãos, eterna”, seja algo que nos está reservado para o futuro, ele relaciona isto com o nosso corpo, o tabernáculo que agora possuímos.

O apóstolo Pedro também dava ao corpo o sentido de um tabernáculo. Como seu co-

lega Paulo, ele acreditava que, mediante o poder de Deus, por ocasião da ressurreição, tanto no seu caso como no das demais pessoas que forem salvas, todos possuiremos um corpo renovado e imortal. “Também considero justo, enquanto estou neste tabernáculo, despertar-vos com essas lembranças”,¹³ escreveu ele aos seus leitores.

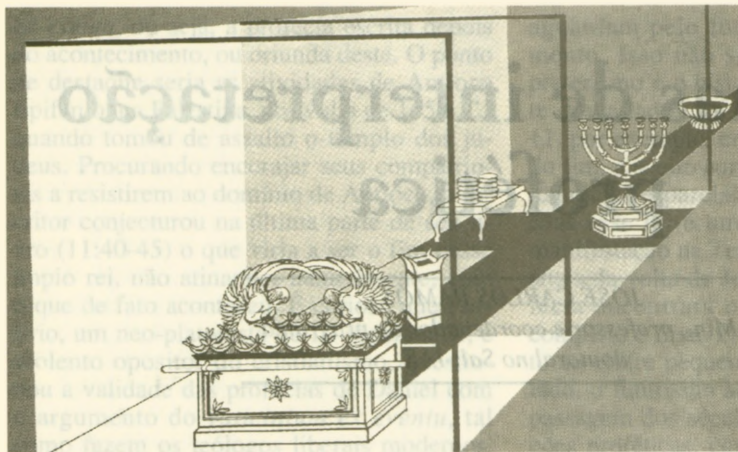
Vemos assim que, em linguagem bíblica, não é raro comparar-se o corpo da pessoa que serve a Deus como um tabernáculo, e dizer que esse tabernáculo é “não feito por mãos”. No caso de Cristo, o Seu tabernáculo era “maior e mais perfeito” no mesmo sentido e pelas mesmas razões que O tornavam superior aos anjos, a Moisés e aos sumos sacerdotes levitas, como já tivemos oportunidade de mostrar em número anterior desta revista.

Triplo simbolismo

Poderá parecer estranho que, sendo “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”¹⁴, Jesus seja também tabernáculo. Contudo, as funções de sacerdote, vítima e tabernáculo foram simultaneamente executadas na pessoa de nosso Senhor. Como podemos observar, nem tudo o que se realizava no santuário terrestre, encaixava-se perfeitamente em seu modelo celestial, havendo coisas que não encontravam correspondência neste. Era natural, portanto, que nosso Senhor fosse ao mesmo tempo o sacerdote, o cordeiro e o próprio tabernáculo onde a vítima era imolada.

Na revista *Ministério*, do bimestre setembro/outubro de 1960, páginas 21 e 22, encontramos esta citação usada pelo Pastor E. Leo Odom, sobre Cristo: “Como o sumo sacerdote punha de parte suas suntuosas vestes pontificais, e oficiava no vestuário de linho branco, do sacerdote comum, assim Cristo tomou a forma de servo, e ofereceu sacrifício, sendo Ele mesmo o sacerdote e a vítima.”¹⁵

Ora, se Jesus foi, Ele mesmo, o sacerdote e a vítima, e uma vez que o sacerdote e a vítima estavam sempre ligados ao tabernáculo, não podemos deixar de fazer a pergunta: Em que tabernáculo Cristo “ofereceu sacrifício”? Viu-O alguém, paramentado com as vestes do “sacerdote comum”, a exercer as funções que a este cabiam? Principalmente por não pertencer à tribo de Levi, estava Ele impedido de



restre, Jesus foi o sacerdote que oficiou no primeiro compartimento.

Como estamos lembrados, havia entre os objetos do tabernáculo um véu (Êxo. 26:31-37). Esse véu – na verdade um segundo véu (Heb. 9:3) – destinava-se a separar a parte do tabernáculo, denominada Santo Lugar, da parte posterior, chamada San-

to dos Santos. Jamais saberíamos o que aquele véu significava, na obra redentora de Cristo, se o escritor bíblico não dissesse que ele é uma figura da carne de nosso Senhor Jesus. De alguma forma que somente o Espírito Santo seria capaz de revelar, o autor reconheceu naquela cortina dependurada entre o primeiro e o segundo compartimento do tabernáculo, uma figura da carne do Salvador. Por intermédio desse véu, diz o escritor sagrado, podemos ir ao santuário.

exercer função sacerdotal. E, no entanto, foi sacerdote, vítima e... templo!
É bom recordarmos como Cristo passou Sua existência neste mundo. Durante toda a vida, nosso Senhor foi o oferecimento de uma oferta de cheiro suave a Deus, e a ministração dessa oferta realizou-a Ele no interior do tabernáculo móvel do Seu corpo. "Segundo a lei",¹⁶ não teve Ele ocasião de oferecer dons em um santuário feito por mãos humanas; ofereceu, porém, o suave dom de uma vida inteira ligada com o Céu, experiência que se desenrolava no interior das paredes místicas do tabernáculo que conduzia para onde quer que fosse – o santuário do Seu corpo.

"Cheio de graça e de verdade",²⁰ o Verbo Se fez carne e foi visto em forma velada entre nós. Sua carne, semelhante à dos seres humanos comuns, atenuava-Lhe a glória durante Sua permanência entre nós, a fim de que pudéssemos contemplá-Lo oficiando no primeiro compartimento do santuário; de resto, Seu próprio corpo.

Pelos discípulos, bem como por toda a humanidade, procurou Jesus santificar-Se,¹⁷ como uma espécie de exercício diário de Seu ofício como sacerdote. Sua alma era um verdadeiro altar de incenso, do qual subia a Deus a espiral contínua da oração e consagração diárias.
Uma profecia messiânica sobre o ministério sacerdotal de Jesus enquanto esteve aqui, revela a importância que teve o Seu corpo como tabernáculo. Como sabemos, todo o sistema do culto hebreu girava em torno dos sacrifícios e ofertas que eram oferecidos. Não obstante, comenta o autor do livro aos Hebreus: "Por isso, ao entrar no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quise, antes corpo Me formaste; não Te delectaste com holocaustos e ofertas pelo pecado."¹⁸ O contexto revela ainda que Cristo veio fazer a vontade de Deus, e que por essa vontade "temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo feita uma vez".¹⁹ Durante todo o Seu ministério ter-

Referências:

1. Hebreus 9:2 e 3
2. Hebreus 9:11 e 12
3. Mateus 26:26
4. Lucas 22:19
5. Deuteronômio 12:23
6. Hebreus 7:26
7. Hebreus 5:7
8. Mateus 26:28
9. João 2:19-21
10. Comentário do Evangelho de João, pág. 84.
11. II Coríntios 5:1 e 2
12. Filipenses 3:24
13. II Pedro 1:13
14. João 1:29
15. O Desejado de Todas as Nações, 4ª edição, pág. 17.
16. Hebreus 8:4
17. João 17:19
18. Hebreus 10:5 e 6
19. Hebreus 10:10 (Almeida antiga)
20. João 1:14

Sistemas de interpretação profética

JOSÉ CARLOS RAMOS

D.Min., professor e coordenador do programa
doutoral no Salt-IAE.

Podemos englobar as diferentes abordagens da profecia bíblica apocalíptica em duas linhas básicas de interpretação: a histórica e a não-histórica.

A segunda abordagem priva a profecia de seu significado essencialmente histórico e atribui-lhe um caráter meramente ético ou moralista, cujo material, dependendo da forma de interpretação, é supostamente oferecido numa feição simbólica, alegórica, dramática, litúrgica ou mitológica.

O livro do Apocalipse, por exemplo, não seria mais que uma representação mística de lições espirituais e morais. Uma clara expressão dessa linha é o *idealismo*, segundo o qual os quadros apocalípticos não exibem visões literais de eventos a ocorrerem em qualquer época da História, mas apenas representações pictóricas ou figuradas dos princípios intemporais envolvidos no conflito entre o bem e o mal, com o propósito de orientar e fortalecer o povo de Deus diante das provas e dificuldades, com a certeza do triunfo final do bem.

O idealismo tem a seu favor o fato de aplicar a mensagem apocalíptica a todas as épocas e gerações. Mas se é verdade que, por um lado, as profecias possuem um sentido espiritual que transcende os eventos da História, é inegável que, por outro, possuem um sentido fundamentalmente histórico. O Apocalipse toca esse ponto já em sua abertura, quando se refere às “coisas que em breve devem acontecer” (1:1). O conteúdo profético lembra eventos históricos que ocorrem dentro da perspectiva da consumação final e da implantação definitiva do reino de Deus.

Linha histórica

A linha histórica de interpretação é geralmente dividida em três grupos principais: preterismo, futurismo e historicismo.

Como o próprio termo indica, o *preterismo* afirma que o cumprimento profético ocorreu no passado, no tempo ou nas proximidades do tempo em que a profecia foi dada. Luiz de Alcazar, jesuíta espanhol dos séculos XVI e XVII, optou pelo preterismo numa tentativa de neutralizar a aplicação das profecias do anticristo e de Babilônia, feita pelos reformadores ao papa e à Igreja Católica. Surpreendentemente, Hugo de Grotius, protestante holandês da mesma época, seguiu os passos de Alcazar.

Um bom número de comentaristas com tendências ao liberalismo teológico espousa o preterismo, razão porque esse critério é conhecido também como *sistema crítico*. Segundo estes, o material profético refletiria unicamente as condições históricas do tempo e da região do escritor e seus destinatários. Não há propriamente uma antevisão do futuro por parte do profeta. Ele fala de fatos de seus próprios dias, arriscando, na melhor das hipóteses, alguns prognósticos quanto ao que ocorreria num futuro próximo, isso com base em sua crença em Deus e na observação da tendência geral do curso de eventos. O resultado é que o caráter sobrenatural da revelação profética é significativamente enfraquecido.

Para o preterista liberal, o livro de Daniel foi escrito no II século a.C. O autor, longe de ter recebido a intuição divina de fatos que iriam ocorrer, fez uma narrativa histórica revestida da roupagem profética. Essa prática é tecnicamente conhecida como *vaticinium*

ex eventu, ou seja, a profecia escrita depois do acontecimento, ou oriunda deste. O ponto de destaque seria as atividades de Antíoco Epifânio, na Palestina, por volta de 165 a.C., quando tomou de assalto o templo dos judeus. Procurando encorajar seus compatriotas a resistirem ao domínio de Antíoco, o escritor conjecturou na última parte de seu livro (11:40-45) o que viria a ser o fim desse ímpio rei, não atinando, naturalmente, com o que de fato aconteceu. É curioso que Porfírio, um neo-platonista do III século a.D., e violento opositor do cristianismo, questionou a validade das profecias de Daniel com o argumento do *vaticinium ex eventu*, tal como fazem os teólogos liberais modernos. Porfírio foi, em realidade, o primeiro preterista de que se tem conhecimento.

Já o Apocalipse é interpretado com base no contexto histórico da parte final do I século a.D., determinado pela situação reinante no Império Romano em relação à Igreja Cristã desde os dias de Nero. Babilônia e as diferentes bestas são representações do Império e de certos elementos que o apóiam, enquanto que a mulher vestida do sol retrata a Igreja perseguida, mas vitoriosa em Cristo. Os juízos divinos representam as calamidades que o Império já sofrera ou viria a sofrer, decorrentes de uma justa retribuição. Da mesma forma que o cristianismo havia triunfado sobre o judaísmo, triunfaria sobre o paganismo. A exemplo de Jerusalém, em 70 a.D., Roma também teria o seu dia de luto.

É válido lembrar que nem todos os atuais preteristas devem ser taxados de anti-sobrenaturalistas, a exemplo de Porfírio e dos críticos liberais. Existem intérpretes conservadores que adotam o preterismo e, contudo, admitem a dimensão divina das profecias apocalípticas.

Se podemos atribuir algum mérito ao preterismo, deveríamos situá-lo em sua tentativa de buscar oferecer uma resposta à questão exegética básica do último livro da Bíblia: que mensagem tinha o Apocalipse para os cristãos aos quais foi primeiramente dirigido? Mas deixa a desejar quando omite o elemento preditivo da profecia em seu contexto mais abrangente.

Futurismo

Assumindo uma posição oposta ao preterismo, o *futurismo* afirma que as profecias apocalípticas, em grande parte,

aguardam pelo futuro para o seu cumprimento. Isso não significa, todavia, que o preterismo e o historicismo sejam totalmente descartados. O “rei do Norte” de Daniel 11, por exemplo, em seus avanços no tempo do fim, é aceito como tendo um cumprimento inicial e parcial com Antíoco Epifânio. Mas esse rei é um tipo ao anticristo, cuja manifestação na Terra ocorrerá pouco tempo antes da volta de Jesus, quando então a profecia encontrará o seu cumprimento mais completo e final. O mesmo é afirmado quanto ao chifre pequeno de Daniel 8. Por outro lado, o futurismo admite o cumprimento, na passagem dos séculos, de determinadas porções proféticas, como as divisões metálicas da estátua de Daniel 2, os animais de Daniel 7 e as cartas às sete igrejas do Apocalipse.

É importante lembrar que o futurismo aceita o VI século a.C. como época de produção do livro de Daniel. Mas é geralmente crido que a seqüência de cumprimento dos esquemas proféticos desse livro é quebrada no evento do Calvário, para então ser reasumida pouco tempo antes do início do Milênio. As 70 semanas da Daniel 9, por exemplo, têm a 70ª desmembrada das 69 anteriores, que terminam na cruz, e deslocada para o futuro, pois aponta para os sete anos que antecederão a manifestação gloriosa de Jesus, período durante o qual o anticristo exercerá o seu domínio.

Quanto ao Apocalipse, é crido que os capítulos 4 a 19 se aplicam a esse tempo final da História. A ordem dada a João, “sobe para aqui” (4:1), é interpretada como significando o arrebatamento secreto da Igreja, a partir do qual os eventos finais tomarão lugar. O capítulo 20 tem a ver com o Milênio, que começa com a destruição do anticristo mediante a manifestação gloriosa de Jesus, enquanto os capítulos 21 e 22 descrevem o estado eterno dos salvos.

Os futuristas podem ser classificados em *extremos* e *moderados*, segundo a posição que assumem na interpretação das profecias. Os primeiros impõem um sistema literalístico de interpretação. São conhecidos como *pré-tribulacionistas*, isto é, admitem que a Igreja será arrebatada antes da grande tribulação, e *dispensacionalistas*, pois entendem que o trato de Deus com o homem, desde a criação, se divide em sete dispensações. A atual é a sexta, a dispensação da graça, a qual transcorre da cruz até o início do Milênio; a sétima virá em seguida, e é

conhecida como a dispensação do reino, ou da plenitude dos tempos. As cinco primeiras seriam inocência, consciência, governo humano, promessa e lei. Essa divisão foi proposta por C. I. Scofield, um dos grandes expositores do dispensacionalismo neste século. Ele é o editor da chamada Bíblia Scofield. Outros dispensacionalistas, anteriores a Scofield, dividiram o tempo em dispensações de maneira diferente tanto em número como em terminologia.

Os futuristas extremos interpretam literalmente as profecias do Velho Testamento quanto à restauração final de Israel, dando-lhes um sentido não eclesiológico, mas ético, de cumprimento. O retorno dos judeus à Palestina desde o final da I Guerra, culminando com a implantação do Estado de Israel em 1948, bem como a retomada pelos judeus da parte jordaniana de Jerusalém na Guerra dos Seis Dias, em 1967, são vistos como importantes passos rumo ao cumprimento definitivo dessas profecias. Naturalmente, essa maneira de encarar as profecias do Velho Testamento condiciona os futuristas extremos na interpretação da profecia apocalíptica. Por exemplo, as doze tribos de Israel (7:4) são as doze tribos originais que formaram esse país. A medida do santuário de Deus (11:1) cumpre-se na futura reconstrução do templo pelos judeus. A cidade santa (v. 2) é Jerusalém na Palestina. As duas testemunhas (11:3) são Moisés e Elias, que retornarão ao mundo na época do predomínio do anticristo. Os 1.260 dias e os 42 meses (11:3 e 13:5) são períodos literais, e correspondem aos três anos e meio (a segunda metade da 70ª semana de Daniel 9), durante os quais o anticristo dominará, tendo o templo de Jerusalém como sede de governo.

Os futuristas moderados são mais cautelosos na interpretação profética. Não aceitam a teoria das dispensações nem são pré-tribulacionistas; o que significa que não acreditam no arrebatamento secreto da Igreja. Não são igualmente tão literalistas quanto os extremos. Para eles, as profecias do Velho Testamento, concernentes a Israel, se cumprem eclesiologicamente, conforme a mensagem do Novo Testamento. E. G. Ladd e Russel N. Chaplin, entre outros cujas obras circulam em nosso idioma, são futuristas moderados.

O futurismo dispensacionalista é caracterizado por algumas feições tais como o literalismo – forte tendência para a interpreta-

ção literal das profecias, na qual o princípio dia/ano é totalmente descartado; aplicação individualizada – o anticristo, por exemplo, é um indivíduo, não um sistema que exercerá domínio num futuro próximo, levando o mundo à grande tribulação; pré-milenismo – o Milênio ocorrerá depois da manifestação visível e gloriosa de Jesus Cristo. Ele reinará neste mundo durante mil anos. Essa manifestação visível ocorre algum tempo depois de Sua manifestação secreta, quando arrebatará a Igreja; exclusivismo – não há material profético que se cumpra no transcurso da dispensação cristã a partir do II século, salvo as cartas às sete igrejas; pré-tribulacionismo – a igreja será arrebatada secretamente antes dos eventos que assinalarão a consumação escatológica; sionismo – é esperado que os judeus se convertam aceitando a Jesus como o Messias. Isso efetivará a plena restauração deles como nação e povo de Deus. O culto judaico será também restaurado com a reconstrução do templo em Jerusalém. Estará de volta o sistema de sacrifícios do Velho Testamento, naturalmente adaptado às condições hodiernas.

Tanto o preterismo como o futurismo acabam desviando do papado as indicações de ser ele o anticristo da profecia. Não é por mero acaso que outros dois letrados jesuítas, o espanhol Francisco Ribera e o italiano Roberto Belarmino, na mesma época de Luiz de Alcazar, adotaram o futurismo, como forma de interpretação profética.

Historicismo

O historicismo é também conhecido como *sistema protestante* por ter sido adotado pelos reformadores. A esse respeito, diz L. E. Froom: “Ao estudarem as declarações proféticas de Daniel, Jesus, Paulo e João, os reformadores descobriram a estrita semelhança entre a apresentação da crassa apostasia retratada nesses pitorescos símbolos e a Igreja Romana retratada na História. Por isso apontaram o Papa e seu sistema como a apostasia, o homem do pecado, o anticristo, a perseguidora ponta pequena, a corrupta mulher de Babilônia.” (*The Prophetic Faith of Our Fathers*, vol. II, pág. 463).

O historicismo é sem dúvida o mais histórico da linha histórica de interpretação profética. Ingredientes dele estão presentes já nas interpretações do Apocalipse feitas

por Justino Mártir, Irineu e Hipólito, em que pese o fato de que até o século XI a maior parte dos comentários contenha um sabor predominantemente alegórico ou espiritual.

A partir do século XII, porém, pode ser notada uma tendência cada vez mais acentuada para uma interpretação historicista das profecias apocalípticas. Anselmo de Havelberg, Rupert de Deutz e Joaquim de Flore, todos daquele século, podem ser considerados os precursores do historicismo como o sistema de interpretação profética adotado pelos reformadores.

Particularmente, Joaquim de Flore deve ser citado como o representante máximo do historicismo na Idade Média. Segundo ele, deveria ser observada uma divisão cronológica no livro de Apocalipse, correspondendo os sete selos a uma divisão sétupla da Era Cristã, que culminará com a consumação escatológica. Ele foi o primeiro a aplicar o princípio dia/ano aos 1.260 dias de Daniel e Apocalipse. O mundo de seus dias, dizia, estava vivendo esse período, e Roma era a sede do anticristo.

Os Valdenses, surgidos também no século XII, possivelmente foram motivados pelo ensino de Joaquim de Flore ao aplicarem à Igreja romana os termos de anticristo, homem do pecado e filho da perdição. É inegável sua influência sobre os ensinamentos de João Wicleff, João Huss e Nicolau de Cusa (séculos XIV e XV), e daí sobre os reformadores seguintes, entre eles Martinho Lutero, Phillip Melancton, João Calvino e William Tyndale, todos do século XVI.

Ainda nesse século, entre outros historicistas, podemos citar Johann Funck, Heinrich Bullinger, George Joye e Jacobo Brocado. Avançando para os séculos XVII e XVIII, encontramos David Pareus, Thomas Brightman, José Mede, Sir Isaac Newton, John Tillinghast, Andreas Helvig, Drue Cresener, Heinrich Horche, Rabi Ben Ezra (pseudônimo de Manuel Lacunza, jesuíta chileno), Johann Albrecht Bengel e Johann Phillip Petri. Finalmente, nos séculos XIX e XX, destacaram-se J. A. Brown, Guilherme Miller, Uriah Smith, L. R. Conradi, E. A. Spicer, E. G. White, L. E. Froom, E. Thiele, mais outros expoentes do historicismo na Igreja Adventista do Sétimo Dia, a qual, entretanto, não detém a exclusividade desse sistema. H. Alfred, E. Hengstenberg, E. B. Elliot e A. J. Gordon estão entre os eruditos não-adventistas mais citados, que esposam o

historicismo. Mas é inquestionável que, em matéria de interpretação profética, os adventistas, como Igreja, são os legítimos herdeiros da Reforma Protestante.

O historicismo, porém, não é o mais histórico da linha histórica de interpretação, apenas por ser o mais tradicional. É a forma como a profecia é encarada, antes de tudo, que assim o classifica. O historicismo estabelece que a profecia prevê determinados eventos que ocorrem no transcurso da História, desde o tempo em que o material profético é veiculado até a consumação final. Assim, em seu amplo escopo, ele abarca os postulados do preterismo e do futurismo, e supre a deficiência básica desses sistemas. Não é justo supor que Deus, no cumprimento de Seu propósito de salvação, atue apenas no longínquo passado, ou no próximo futuro. A ação divina se verifica no todo da História humana, e é disso que fundamentalmente tratam as profecias.

Mesmo que os intérpretes historicistas nem sempre se harmonizem em seus pontos de vista, permanece o fato de que os que adotam esse sistema são motivados pela consciência de que Deus está por trás dos fatos, conduzindo cada coisa para o clímax final. Mais que isso, Ele não nos deixou alheios a essa realidade (Amós 3:7).

É igualmente irrelevante que o intérprete nem sempre possa determinar com exatidão como profecias não cumpridas virão a se cumprir, pois não é o objetivo básico da profecia o mero devendar do futuro. Primeiro que tudo, ela visa a incrementação da fé (João 13:19; 14:29). A fé é fortalecida quando eventos são tomados como cumprimentos proféticos. E isso não pode ser relegado somente para o futuro, como obviamente não pode ter sido um privilégio exclusivo dos primitivos cristãos.

Deve-se lembrar que o intérprete não é um profeta no estrito senso de alguém que prevê o futuro, mas um aprendiz. A compreensão e interpretação da profecia se desenvolvem e aperfeiçoam com a passagem do tempo. Talvez Lutero tenha isso em mente quando declarou: "As profecias só podem ser entendidas perfeitamente depois de se cumprirem." Certamente o grande reformador não percebeu que nestes termos ele definia uma das premissas básicas do historicismo: o conceito da verdade se amplia conforme os séculos se escoam e eventos, há muito profetizados, alcançam um legítimo cumpro-

mento. Ou como Desmond Ford declarou, “o definitivo e detalhado entendimento de profecias específicas segue, não procede, o cumprimento.” (*Daniel*, pág. 68).

A essa altura, cremos ser interessante enumerar algumas conclusões de historicistas anteriores ao movimento adventista de 1844:

Joaquim de Flore (1130-1202) – o princípio dia/ano deve ser aplicado aos 1.260 dias. Ele foi o primeiro a fazer tal aplicação.

Nicolau de Cusa (1401-1464) – o princípio dia/ano deve ser aplicado às 2.300 tardes e manhãs.

Martinho Lutero (1483-1546) – o princípio dia/ano deve ser aplicado às 70 semanas.

Phillip Melancton (1497-1560) – as 70 semanas são 490 anos.

Johan Funck (1518-1575) – o primeiro a estabelecer a data de 457 a.C. para o início das 70 semanas.

George Joye (m. 1553) – “a ciência se multiplicará” (Dan. 12:4) refere-se ao aumento do conhecimento acerca das profecias de Daniel.

Jacobo Brocado (séc. XVI) – os 1.260 anos da tirania papal vão de 313 a 1573 a.D.

David Pareus (1586-1638) – o Milênio é delimitado pelas duas ressurreições.

John Tillinghast (1604-1655) – as 70 semanas fazem parte das 2.300 tardes e manhãs.

Drue Cressener (1638-1718) – os 1.260 dias são 1.260 anos que começam no tempo de Justiniano e terminam por volta de 1800.

Andreas Helwig (1572-1643) – o número 666 refere-se ao cálculo de títulos papais, entre eles Vicarius Filii Dei.

Heinrich Horche (1652-1729) – as 70 semanas vão até três anos e meio depois da morte de Jesus.

Johann Phillip Petri (1718-1792) – ambas as 70 semanas e as 2.300 e manhãs começam em 453 a.C.; o 2º período termina em 1847. Em 1798 terminam os 1260 anos de supremacia papal.

J. A. Brown (Londres, 1810) – as 2300 tardes e manhãs começam em 457 a.C. e terminam em 1844 a.D.

Modalidades de historicismo

Dependendo da maneira como é suposto que o material profético prediz os eventos da História, o intérprete irá valer-

se de uma, ou mais de uma, das diferentes modalidades de historicismo. Estas podem ser assim referidas:

Seqüência linear. Futuros eventos são descritos um após o outro, até o fim dos tempos. Há uma ordem cronológica para a maior parte dos eventos previstos na profecia. Essa posição foi adotada por Lutero e mais recentemente por Hengstenberg (1852).

Essa modalidade pode ainda aparecer na feição desdobrativa, adotada por Robert Hauser (*The Sanctuary in the Book of Revelation*, 1983). Para esse autor, os sete selos, por exemplo, devem ser vistos como um desdobramento da sétima igreja, Laodicéia. “Os sete selos devem ser tratados como eventos escatológicos ou dos últimos dias, tendo a ver com o juízo investigativo.” (pág. 36). Assim, o segundo bloco de material no Apocalipse aponta para eventos que se cumprem a partir do tempo em que também se cumprem os eventos preditos na parte final do primeiro bloco, nesse caso 1844. Pode ser observada uma seqüência cronológica aqui.

Com base nesse raciocínio, teríamos o seguinte: os sete selos desdobram a sétima igreja, as sete trombetas desdobram o sexto e o sétimo selos, e as sete pragas desdobram a sétima trombeta. O conteúdo de Apocalipse 12 a 14 seria uma exposição de como ocorre o cumprimento do “mistério de Deus” como fato da sétima trombeta (10:7).

Recapitulação. A profecia apocalíptica descreve os mesmos eventos várias vezes, de diferentes perspectivas. Várias séries de visões são, cada uma, diferentes quadros do mesmo conjunto de eventos. O princípio aqui envolvido é o de mais de uma profecia para um mesmo evento histórico.

Essa é a mais antiga modalidade de historicismo conhecida, tendo sido adotada já por Vitorino de Pettau, em 304 a.D., e por Ticônio um pouco mais tarde, os quais, embora interpretassem o Apocalipse de um ponto de vista mais espiritual, observaram que determinadas porções do livro tocavam determinados acontecimentos que eram reexpostos em outra porção. Exemplo: tanto as trombetas como as taças predizem as punições escatológicas que sobrevirão aos impenitentes.

Os adventistas do sétimo dia se valem principalmente dessa modalidade, ao interpretar Daniel e Apocalipse.

Reocorrência. Também identificada como apoteísmática, supõe o cumprimento múltiplo de uma profecia, envolvendo aqui o princípio de mais de um evento histórico na mesma profecia. No seio do adventismo, Desmond Ford deve ser considerado um recente preconizador dessa modalidade. Ele entende que a apoteísmática seria uma solução, pelo menos parcial, ao impasse criado pelos diferentes sistemas de interpretação, em razão dos pontos fracos de cada um deles. “Se o princípio apoteísmático fosse mais amplamente entendido, algumas diferenças entre os sistemas estariam automaticamente resolvidas”, diz ele, em *Daniel*, pág. 69.

É inegável que pelo menos algumas porções proféticas deveriam ser interpretadas do ponto de vista da apoteísmática. O chifre pequeno de Daniel 8, por exemplo, e o “homem vil” de 11:21 exigem, a nosso ver, um cumprimento no mínimo dual. O discurso escatológico de Jesus, registrado nos Evangelhos sinóticos, pode igualmente conter algumas predições que requerem um duplo, ou mesmo triplo cumprimento.

O perigo da apoteísmática jaz no simples fato de que ela pode ser exagerada. Quando isso acontece, o intérprete pode descambar para a fantasia. MacCready Price reconhece o valor do princípio apoteísmático, mas lembra que “devemos ter em mente que é o significado final que é o verdadeiro significado, acima de tudo, quando a profecia é cumprida numa escala mais completa, e com a mais completa e detalhada precisão”. (*The Greatest of the Prophets*, pág. 31).

Filosofia da História. É mais ou menos decorrente da modalidade anterior, todavia muito mais abarcante que ela. É estabelecida na premissa de que “a História se repete”. Mais que repetidos cumprimentos históricos, essa modalidade propõe contínuas aplicações que vão além de qualquer tempo específico na História. A profecia tem uma mensagem de caráter universal, aplicável a cada época e cada geração em seu contexto específico. Com isso, a filosofia da História se aproxima do idealismo sem se confundir com ele, pois não é de caráter intemporal.

O Dr. Kenneth A. Strand, erudito adventista e uma das grandes autoridades atuais no campo da profecia apocalíptica, analisa essa modalidade no capítulo três de sua obra *Perspectives in the Book of Revelation*. Ele sugere como passíveis de uma abordagem

com base na filosofia da História, entre outros, os seguintes quadros proféticos: o levantamento e queda de impérios, segundo o livro de Daniel (com base na afirmação de que Deus “remove reis e estabelece reis”, de 2:21), o aparecimento de falsos cristos e falsos profetas, segundo o discurso escatológico de Jesus, e certos padrões repetitivos do livro de Apocalipse, tais como as sete trombetas e as sete pragas, e determinadas terminologias como Babilônia, Sodoma e Egito, “que transportam a mente do leitor para eventos, tanto num distante passado, como num tempo bem mais recente” (pág. 30). O material das cartas às sete igrejas deve também ser aplicado dentro dessa modalidade.

Conclusão

Como historicistas na interpretação profética, que modalidade de historicismo devem os adventistas do sétimo dia adotar, ao interpretarem as profecias?

Tradicionalmente temos seguido uma linha recapitulista de interpretação e isso é válido para certas porções proféticas cujo maior exemplo é, sem dúvida, o livro de Daniel. Outras porções, entretanto, podem requerer diferentes formas de abordagem para que o sentido profético seja captado numa amplitude maior. É possível que o Apocalipse se enquadre nesse critério. Certamente os reformadores eram passíveis de equívoco, pois não possuíam a última palavra em termos de fórmula interpretativa. A prudência recomenda-nos a evitar o radicalismo, ou o dogmatismo, e optar pela flexibilidade.

Afirmar que esta ou aquela modalidade é a correta, a adequada, com exclusão das demais, parece-nos um tanto pretencioso. Continuemos com o recapitulacionismo, mas não fechemos a porta para outras possibilidades. Avaliemos os prós e os contras de cada modalidade. Todas têm seus méritos e deméritos, e deveríamos saber como aproveitar os pontos positivos de cada uma, aplicando-os onde podem e precisam ser aplicados.

Para tanto, faz-se necessário, como primeira condição, a posse de uma consciência sensível ao toque e à direção daquele Espírito que inspirou os profetas para a recepção e comunicação do material profético. Só Ele pode nos levar a atinar com o correto sentido daquilo que foi revelado, e com o correto caminho para chegarmos até Ele.

Sua igreja pode crescer

RUBEN OTTO

Professor na Universidade Adventista del Plata,
Argentina.

A leitura do livro *The World's Twenty Largest Church* (As Vinte Maiores Igrejas do Mundo), de John Vaughan, motivou-me a refletir sobre as seguintes perguntas: Por que estas igrejas, que não possuem uma doutrina bíblica sólida, crescem e progridem num ritmo incrível? Mais ainda, por que algumas delas, com líderes cuja vida imoral às vezes é publicamente exposta, conduziram milhares de pessoas aos pés de Cristo? As dúvidas me pressionaram no sentido de esforçar-me para encontrar uma resposta satisfatória.

Foi então que, numa determinada manhã, estava lendo o livro *Meditações Matinais*, de Garrie Williams, justamente a mensagem intitulada "Pode o Espírito Santo usar pecadores?" e as coisas foram ficando mais claras. "O Espírito Santo usou a Balaão numa forma muito especial, apesar de todos os seus problemas; porém isso não significava que de alguma maneira Deus aprovava os pecados de Balaão", escreveu Williams.

Quando Cristo entrou triunfalmente em Jerusalém, expressou uma filosofia de propagação semelhante à exposta no parágrafo anterior. Ele disse que "se estes calarem, as pedras clamarão".

Objetivo da igreja

Para que a Igreja está no mundo? Evidentemente, para crescer. Segundo Peter Wagner, "isto pode parecer-lhe fanatismo ou exagero. Sua igreja pode crescer, e crescerá... se você quiser".

Porém, deseja você, realmente, que sua igreja cresça? Wagner, num de seus livros sobre crescimento de igreja (*Sua Igreja Pode Crescer*), garante que, se você o desejar, poderá consegui-lo.

Todavia, nem você nem eu somos tão ingênuos para acreditar que o mero desejo de crescimento seja suficiente para alcançar-se tal objetivo. Mas se o desejo não representa nenhuma garantia, pode ser o estopim de

uma reação em cadeia, que possibilite os meios para que o crescimento da igreja seja uma realidade feliz.

Wagner dedica um capítulo do seu livro para comentar que existe alguém, além do pastor, que deseja o crescimento da Igreja. Esse alguém é Deus. Ele deseja que Sua Igreja cresça. Por esta razão, o presente artigo é dirigido a todos os pastores e, por extensão, a todos os que anelam a saúde e o crescimento integral e saudável de sua igreja. Se analisarmos juntos o livro de Atos dos Apóstolos, descobriremos que a Igreja cristã primitiva experimentou um crescimento simplesmente espetacular.

Antes de ascender ao Céu, Jesus expressou claramente Sua vontade a respeito da missão de Sua Igreja no mundo. Reuniu seus discípulos e falou-lhes com autoridade. Uma autoridade conferida pelo Pai, a fim de atuar "no Céu e na Terra".

Referindo-se à missão da Igreja, Ellen White escreveu o seguinte: "A Igreja é o meio assinalado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir, e sua missão é a de anunciar o evangelho ao mundo. Desde o princípio foi o plano de Deus que Sua Igreja refletisse ao mundo Sua plenitude e suficiência. Os membros da Igreja, os que têm sido chamados das trevas para Sua luz admirável, hão de revelar Sua glória." (*Atos dos Apóstolos*, pág. 9).

Os discípulos de Cristo consideraram seriamente esse desafio, e a Igreja começou a crescer. O capítulo 1 do livro de Atos apresenta uma Igreja com 120 membros reunida em oração, buscando a plenitude do Espírito Santo. Então começaram a pregar com poder. Como resultado, desde Jerusalém, espalhou-se uma onda expansiva de evangelismo que gerou o crescimento integral da nascente Igreja. O livro de Atos dos Apóstolos proporciona o relato. A pregação do apóstolo Pedro, como evangelista, produziu resultados assombrosos:

três mil pessoas foram batizadas num só dia. A isso somou-se o trabalho do restante dos irmãos, que com seus dons e talentos espirituais guiaram os novos conversos que “perseveravam na doutrina dos apóstolos, na comunhão uns com os outros, no partir o pão e nas orações”.

Essa tarefa unida originou conversões de tal grandeza que os batismos eram organizados e realizados diariamente. Porém, como Wagner assinala, “o Pentecostes não foi uma chama que logo se transformou em cinzas”. Continuaram ocorrendo coisas grandiosas, como por exemplo, a conversão dos cinco mil e a multiplicação dos discípulos na cidade de Jerusalém.

É provável que, ao ler estas informações, surja em sua mente a pergunta: É o crescimento quantitativo um parâmetro válido para afirmar que uma igreja está crescendo realmente? Evidentemente, deveríamos considerar outros parâmetros. O médico e evangelista Lucas comenta o crescimento integral da Igreja cristã primitiva em diferentes áreas. Quais? O segundo capítulo permite-nos obter as seguintes conclusões:

1. Crescimento espiritual. Os conversos praticavam os ensinamentos transmitidos pelos apóstolos, congregavam-se regularmente, participavam da Ceia do Senhor e assistiam a reuniões de oração.

2. Crescimento numérico. O que foi exposto nos parágrafos anteriores elimina toda dúvida sobre o incremento do número de discípulos.

3. Crescimento corporativo. O relato bíblico assinala que os cristãos estavam dispostos a compartilhar suas posses materiais, movidos pelo amor que encontraram em Cristo e em seus irmãos. “Vendiam suas propriedades e seus bens e os repartiam segundo a necessidade de cada um.”

4. Crescimento social. Os cristãos chegaram a desenvolver excelente relacionamento interpessoal. Indubitavelmente, isso ficou evidente quando louvavam a Deus e demonstravam caridade para com os semelhantes.

Observando esta expansão, concluímos que, efetivamente, a Igreja cristã primitiva cresceu, e seu crescimento integral foi extraordinário. A grande comissão foi cumprida pelos discípulos. Nesse ponto, cabe a pergunta: Qual a nossa atitude, hoje, ante a grande comissão evangélica? Experimentamos o mesmo êxito que a Igreja do primeiro século? Estamos seguindo o exemplo legado pelos apóstolos? Estamos orientados para o crescimento?

Se desejamos que nossa igreja cresça de maneira integral, devemos analisar detidamente as áreas que devemos reforçar para empreender com valentia as reformas que forem necessárias. O evangelismo efetivamente é custoso. Geralmente o testemunhar requer esforço. Porém é aí para onde convergem o esforço humano e o divino que possibilitam a vitória.

Experiência gratificante

Em 1992, cheguei à Universidade Adventista del Plata, para iniciar o período letivo. Além da carga acadêmica regular, foi-me designado o trabalho de aconselhamento geral da Missão Estudantil del Plata, MEP. Esse organismo reúne estudantes universitários, cujos ideais de seviço a Deus e aos semelhantes os impulsiona a dedicar tempo e talentos à magna tarefa de preparar cidadãos para o reino dos Céus.

Para o ano de 1992, a Comissão Diretiva da MEP optou por um programa missionário simples. Consistiu em visitar semanalmente três cidades da região, com uma pesquisa para detectar inquietações religiosas, e o interesse em estudar a Bíblia, por parte das pessoas receptoras.

Durante o primeiro mês de atividade, conseguiu-se estabelecer

aproximadamente 800 contatos, que possibilitaram a concretização de 260 estudos bíblicos. Embora o número das pessoas que continuaram os estudos até o fim fosse mais de 100, no momento da decisão, nada mais que cinco uniram-se à Igreja através do batismo.

O Evangelismo
efetivamente é custoso.
Geralmente o testemunhar
requer esforço. Mas é aí
onde a união do humano
com o divino possibilita a
vitória.

Posso garantir que entusiasmo e dedicação foram traços marcantes daquele trabalho missionário, porém ao efetuarmos um balanço final, um tácito sabor de insatisfação foi percebido entre os membros da Comissão Diretiva. Quem sabe, o esforço fora demasiado grande para os magros resultados conseguidos. Por que isso aconteceu? Uma análise serena permitiu observar que nos últimos anos, os batismos anuais conseguidos pelo trabalho dos estudantes da Universidade não superavam a marca de sete ou oito. Qual a razão do baixo rendimento? A conclusão foi a seguinte: os estudantes conseguiam concluir várias séries de estudos bíblicos, porém não conseguiam levar os interessados à igreja.

Mudança de estratégia

Os resultados motivaram a nova Comissão Diretiva a pensar em novos métodos de abordagem. Considerando que os estudos bíblicos produzem decisões, e a pregação produz convicção, resolvemos fazer uma simbiose evangelística. Estudos bíblicos à tarde e pregações evangelísticas de apoio, à noite. O ano de 1993 finalmente chegou trazendo o desafio de provar o novo plano.

O trabalho missionário teve início bem cedo, no ano letivo, a partir da Semana Santa. A Comissão Diretiva da MEP trabalhou incansavelmente durante as semanas antecedentes ao lançamento do programa. Quando o planejamento estava pronto, formaram-se as equipes de trabalho. Cada grupo recebeu seu território. As equipes foram distribuídas, munidas de material para a campanha. Reuniões de grupos de trabalho, para orar, organizar e motivar foram realizadas intensamente.

A campanha abrangeu simultaneamente quatro localidades, onde aproximadamente 60 estudantes formaram 20 grupos de trabalho, apoiados por alguns professores da Universidade. Os estudantes pregaram cada noite, com entusiasmo. As crianças não foram esquecidas. Elas ouviram histórias e apren-

deram cânticos infantis, entoados com muita alegria e vibração.

Ao término das reuniões da Semana Santa, os ouvintes foram convidados a fazer o curso "Solucione seus problemas com a Bíblia". Cerca de 40% dos grupos continuaram as reuniões durante os sábados e domingos à noite. Os alunos dedicaram a tarde de sábado para visitas missionárias e estudos bíblicos.

Resultados

Ação conjunta de estudos bíblicos durante o dia e pregações noturnas, permitiu que alunos e professores compartilhassem a alegria que experimentaram 69 pessoas que renderam a vida a Cristo e o demonstraram através do batismo. Dez vezes mais batismos que os conseguidos em cada um dos últimos dez anos!

Porém a alegria não terminou aí. Na cidade de Diamante, como consequência do trabalho de um centro de pregação, foi organizada uma nova e entusiasmada congregação: Diamante Sul. Três famílias adventistas que até então se congregavam na única igreja existente na cidade, sonhavam em formar uma nova congregação. E o sonho foi realizado. Deixaram a igreja mãe e atualmente se reúnem no salão que elas mesmas construíram. À tarde, após a Escola Sabatina e o Culto Divino, realizados pela manhã, estudantes da Universidade e irmãos locais se reúnem para orar e então sair para realizar visitas missionárias.

Hoje, a cidade de Diamante conta com uma segunda igreja,

porque um pastor distrital, com dinâmica liderança, motivou irmãos, professores e estudantes da Universidade a empregar seus dons, com o propósito de estabelecer uma nova congregação. É uma igreja que louva a Deus com alegria, e busca cumprir o propósito de fazer discípulos.

Os irmãos de Diamante e seu pastor desejaram que sua igreja crescesse. Agiram, e, com a bênção de Deus, isso foi possível.

A razão pela qual
malogram muitos esforços
evangelísticos, pode ser a
utilização de um método
inadequado ao lugar
e à ocasião.

A homossexualidade e a Bíblia

RONALD M. SPRINGETT

Ph.D., professor de Grego e Novo Testamento no Southern College da Igreja de Collegedale, Tennessee, EUA.

A homossexualidade costumava ser discutida apenas em pequenos círculos privados. Agora ela é discutida em termos mais claros, através da mídia. Artigos escritos por homossexuais, e a respeito deles, não apenas aparecem na literatura secular mas também em jornais cristãos e revistas especializadas em assuntos familiares. Há homossexuais que se consideram ativos, bem como ativos homossexuais. Eles e outros simpatizantes com sua causa têm desafiado a interpretação bíblica tradicional, que vê o comportamento homossexual como inaceitável para os cristãos.

Esses intérpretes advogam que as Escrituras não condenam a homossexualidade como tal, e aceitam isso como um estilo de vida alternativo, "natural". Estas e outras questões relacionadas são de interesse para muitos adventistas do sétimo dia, que buscam na Bíblia direção ética e moral.

Educação *versus* natureza

Aqueles que apóiam a "teoria da educação" freqüentemente indicam estudos em psicologia, os quais sugerem que a homossexualidade é um comportamento aprendido ou um desenvolvimento cativo. Eles argumentam que o que é aprendido pode ser desaprendido, e o desenvolvimento cativo é passível de terapia.¹ Portanto, a homossexualidade é uma aberração, com etiologia e conseqüências psicossociais.

Outro argumento refere-se à decisão da Associação Médica de Psiquiatria, AAP, em remover a homossexualidade de sua lista de condições patológicas. Muitos entendem que isso significa que a homossexualidade não é mais uma "doença mental". Talvez a resposta mais sólida para esse argumento é que o

voto foi tomado em um tempo de tremendas comoções sociais nos Estados Unidos, em uma velocidade sem precedentes e sob condições de explícitas ameaças de que o movimento dos direitos homossexuais iria perturbar as convenções e pesquisas da AAP.²

Esta infeliz politização do processo científico está ainda hoje em pleno movimento. Ela distorce ou predispõe algumas das pesquisas científicas bem como o relatório da imprensa popular. Isso é especialmente verdadeiro com aqueles que advogam a "teoria da natureza".

A maioria das pessoas lê os relatórios distorcidos da mídia em lugar de buscarem as descobertas da pesquisa de I. L. Ward,³ ou os mais recentes estudos de Simon LeVay, Michael Bailey e Richard Pillard. Por exemplo, a teoria do hormônio pré-natal, pesquisada por Ward e outros, declara que a deficiência do hormônio conhecido como andrógeno durante o período crítico da vida pré-natal, quando a diferenciação de sexo ocorre, produz em uma pessoa com todas as demais características masculinas, o desenvolvimento de um cérebro feminino diferenciado. Além disso, pressão e estresse em ratos e camundongos machos produzem distorções em partes do sistema nervoso central que comunicam o comportamento relacionado ao sexo e à desmasculinização do comportamento sexual. Mas como outros pesquisadores observam, ratos não são seres humanos⁴.

Da mesma forma, as descobertas de LeVay⁵ têm sido exploradas pela mídia, embora os próprios pesquisadores sejam honestos acerca de seus preconceitos e cautelosos acerca de suas reindicações.⁶

LeVay descobriu que a área do hipotálamo, alegada como sendo a região que governa a atividade sexual, é menor nos homosse-

xuais do que nos heterossexuais. Ele estudou o cérebro de 41 cadáveres, 19 dos quais haviam sido homossexuais. O próprio Le-Vay admite que sua descoberta não estabelece uma relação de causa e efeito. O significado do seu estudo está, conseqüentemente, aberto para debate.⁷

Em dezembro de 1991, Michael Bailey, advogado dos direitos dos homossexuais, e o psiquiatra Richard Pillard publicaram um estudo acerca de gêmeos. Explicando sua pesquisa, Pillard diz acreditar que a descoberta de um componente genético na orientação sexual pode significar que, “isto não é uma culpa, e isto não é culpa sua”. Ele ainda acredita que a pesquisa há de desmentir as reivindicações homofóbicas.⁸ Vailey e Pillard estudaram diferentes tipos de gêmeos: os idênticos, que têm um código genético idêntico, e os fraternos, possuidores de códigos genéticos diferentes. A pesquisa deles demonstrou que se um gêmeo idêntico é homossexual, as possibilidades do outro também ser homossexual são três vezes maiores do que no caso de gêmeos fraternos. Isto, dizem eles, sugere um elo entre a homossexualidade e os aspectos genéticos. Outros pesquisadores, contudo, permanecem céticos.

Implicações

Muitos homossexuais descobrem as seguintes implicações nesse tipo de pesquisa: 1) os homossexuais nascem homossexuais; 2) a homossexualidade é, portanto, uma condição normal, “natural”; 3) o que é normal não pode ser imoral; e 4) portanto, as proibições contra os homossexuais não têm sentido.

Outros homossexuais rejeitam essa linha de raciocínio, afirmando que eles escolheram o estilo de vida homossexual a partir do seu livre arbítrio. Eles vêem com desprezo a pesquisa sobre as causas da homossexualidade, dizendo que isso tacitamente quer dizer que tal orientação é anormal, qualquer que seja sua causa. Este último grupo de homossexuais parece perceber que a pesquisa nas causas genéticas da homossexualidade está, portanto, longe de ser conclusiva. Por outro lado, estudos indicam um considerável número de condições genéticas causadas, que ninguém desejaria rotular como “anormal”. A pesquisa da *City of Hope*, por exemplo, fortemente sugere que o alcoolismo é uma

condição geneticamente relacionada.⁹ O mesmo é verdade com a esquizofrenia.

Como Joe Dallas corretamente indicou, “ao invés de continuar o debate ‘natureza versus educação’, devemos perguntar se a homossexualidade é desejável, saudável e moral, não importa quais sejam os fatores que determinem sua existência”.¹⁰ Do contrário, os defeitos de nascimento deveriam ser considerados naturais e normais.

Todos nascemos com inclinações e tendências que a futura pesquisa pode revelar como sendo geneticamente relacionadas. Mas em nenhum lugar a Bíblia traz implícito que tais inclinações ou limitações neguem suas proibições contra agir a partir destas tendências de forma imoral e não ética. Em relação às Escrituras, inclinações e tendências de qualquer tipo não são pecado pelo qual sejamos pessoalmente responsáveis. Elas são simplesmente parte da depravação geral da humanidade, a partir da queda. Mas todos nós somos responsáveis por aquilo que fazemos em nossa depravação. Nesse princípio está a base para toda justiça – humana e divina. Sem isto, a base comum da interação humana torna-se uma confusão social de incerteza, imaginação e especulação. Da perspectiva bíblica, como uma pessoa chega à sua condição de tendências ou inclinações, é uma questão discutível. A questão real é como ela age face à inclinação para o álcool, interação homossexual, ou pensamentos e sentimentos lascivos.

Atos ou abuso

As publicações em favor da causa homossexual freqüentemente expressam a idéia de que a homossexualidade não é condenada nas Escrituras. O que é condenado são os abusos homossexuais tais como estupro, exploração, violência e idolatria. A literatura pró-homossexualismo busca estabelecer essa tese de três formas:

Primeiro, nos textos claramente associando os atos homossexuais com estupro e violência, estes autores vêem condenação apenas do estupro e da violência, não dos atos sexuais em si. Assim, na narrativa de Sodoma, são a violência e outros pecados que estão sendo punidos, não a homossexualidade. Algumas dessas publicações chegam a sugerir que a palavra *conhecer* não se refere ao intercuro sexual, mas simplesmente a “familiarizar-se” (Gên 19:4-10). O mesmo argumento

é aplicado a Juízes 19:22-25. Tais eruditos afirmam ainda que as leis mosaicas, tais como Levíticos 18:22 e 20:13, condenam a idolatria mas não a homossexualidade.

Isso nos leva ao segundo argumento em favor da tese do estilo de vida homossexual: a narrativa bíblica de vários alegados relacionamentos homossexuais, que não são explicitamente condenados. Nesse caso estão incluídos o suposto relacionamento de Davi e Jônatas (1 Sam 18:1; 19:1; 20:30), que não recebe nenhuma condenação nas Escrituras, porque, argumentam, era um relacionamento de amor mútuo, livre de violência e idolatria. Este, continua o argumento, era o caso de Ismael e Isaque (Gên. 21:9), Rute e Noemi (Rute 1:16 e 17) e José e Potifar (Gên. 39). Alguns chegam até mesmo a incluir Nabucodonosor e Daniel (Dan. 2 e 4).

Volvemo-nos agora para o terceiro e último ponto – como explicar os textos bíblicos que desaprovam os atos homossexuais e não podem ser interpretados como envolvendo violência, estupro e idolatria, como Romanos 1:26-28. Em relação a esses textos, a literatura pró-homossexual faz uma distinção sutil entre invertidos e pervertidos. A epístola aos romanos, propõe o argumento, não se refere ao homossexualismo “natural”, “normal” ou “permanente”, envolvendo um relacionamento de amor. Os defensores da idéia afirmam que Paulo está falando daqueles homossexuais que não são homossexuais permanentes, ao afirmar que aqueles que fazem isto estão contra a sua natureza. Ele está alegadamente falando aos perversos heterossexuais que se envolvem em atos homossexuais a partir da lascívia. Assim, novamente, as Escrituras estão, supostamente, desaprovando apenas a exploração, prostituição e homossexualismo libertino. Paulo, afirma-se, ignorava a distinção entre inversão e perversão. Assim ele tratou toda atividade homossexual como sendo uma única. Obviamente, não se pode ter as duas coisas. Como poderia Paulo dizer que eles agiam contrário à sua natureza se ele ignorava tal distinção?

É aqui que o argumento genético torna-se extremamente importante para os homossexuais. Essa abordagem permite que eles afirmem que a tendência homossexual é “natural”. Se isso é verdade, então Paulo está apenas condenando o que era “contrário à natureza”.¹¹ Um estudante da Bíblia responderia que “natural” e “contra a natureza”, em Romanos, refere-se à intenção original de Deus

na Criação, não a qualquer condição posterior à queda (Gên. 1:27; 2:18 e 24).¹² Todas as condições humanas estão agora manchadas e são mais ou menos “antinaturais”.

Cuidadosos estudantes das Escrituras não serão facilmente convencidos de que os textos do Velho Testamento contrários à atividade homossexual sejam inválidos. A narrativa de Sodoma e Gibeá (Gên. 19:4-10; Juízes 19:22-25) realmente descrevem violência homossexual e estupro. Contudo, as Escrituras condenam ambos, tanto a violência como o homossexualismo. Isso é claro em Levíticos 18:22 e 20:13, onde macho deitar-se com macho é evidentemente condenado. O fato de que isso é classificado como abominação não indica apenas uma condenação de idolatria. Do ponto de vista bíblico, tanto a idolatria como as práticas associadas com ela eram condenadas.¹³ Alguns têm sugerido que Cão agrediu homossexualmente o seu pai; contudo, a maldição de Noé sobre Cão não provê nenhuma base para inferir-se aprovação para tal ato (Gên. 9:20-27).

No Novo Testamento, a maioria das referências homossexuais aparece nas listas de vícios, tais como I Cor. 6:9-11. A maioria dessas passagens não envolve violência ou idolatria. Esse é o caso em Rom. 1:26-28, onde o ato homossexual em si mesmo é descrito como um vício. A idéia de que Paulo aqui condena apenas os pervertidos e não aqueles cuja homossexualidade é “natural”, não pode ser substanciada.¹⁴ Além disso, o consistente testemunho da literatura judaico-cristã opõe-se ao estilo de vida homossexual.

O que diz Paulo realmente

O argumento básico contra os textos do Novo Testamento é a teoria da inversão-perversão, como descrita anteriormente. Em Romanos 1:24-28, Paulo supostamente opõe-se ao abuso homossexual, não aos atos homossexuais, que, segundo se argumenta, devem ser vistos como naturais ao indivíduo. Como foi observado anteriormente, os termos-chave nesses versos são as expressões “natural” e “antinatural” (contrário à natureza); e muito depende do significado que Paulo atribui a tais termos. O coração do problema tem a ver com as fontes às quais o apóstolo faz alusão, ao afirmar que a homossexualidade é antinatural.¹⁵

Esse contexto demonstra claramente que

Paulo usou o grego, e, particularmente, termos da ética estoíca. Mas o apóstolo não usa os termos e conceitos da mesma maneira em que estes eram usados pelos estoícos. Como os estoícos, Paulo provavelmente definiu “natureza” como a ordem providencial do mundo. Contudo, para o panteísmo estoíco, a natureza era Deus. Eles criam que a existência havia continuado em círculos infundáveis e recorrentes, seguindo uma “lei” ou “fórmula” fixa, chamada *logos*. Por outro lado, o Deus de Paulo está acima, além e distinto da Natureza. Para ele, a Natureza, desde a queda, não é mais determinativa da essência humana. De sua perspectiva, o apelo à Natureza, em um mundo caído, para determinar o que uma pessoa deve ou não ser é, na melhor das hipóteses, relativo, e na pior, completamente sem valor. Dentro da Natureza, apenas distinções relativas podem ser feitas entre o que é natural e o que é antinatural.

Paulo não partilha dos conceitos estoícos acerca de uma autoridade absoluta e determinista na Natureza. Para ele não há Natureza que seja separada de Deus ou que possa ser identificada com Ele. Paulo ensinou que apenas a intenção original de Deus para a humanidade pode ser considerada determinante em definir a essência dos seres, e que Deus revelou Sua vontade nas Escrituras. É difícil ver, na referência à “Natureza”, nesse texto, que Paulo estivesse querendo significar outra coisa senão o mundo e a humanidade como intencionados e criados por Deus; o “antinatural” como sendo uma consequência da queda, e, portanto, não parte da intenção de Deus para a sexualidade humana. A abrangência cósmica da queda e degradação da humanidade descritas no primeiro capítulo de Romanos incluem tanto judeus como gentios. Nesse contexto, a homossexualidade não é tratada apenas como uma expressão de idolatria cultista. Ao contrário, ambos são relacionados com as consequências da desconsideração do desígnio e propósito do Criador.

Como o Dr. D. Field declara: “Ao escrever acerca das ‘relações naturais’, Paulo não está se referindo aos homens e mulheres, individualmente, como eles são. Sua tela é muito mais ampla. Ele está conduzindo o argumento ao passado, de forma muito mais radical. Por ‘antinatural’, ele quer dizer ‘antinatural à humanidade de acordo com o modelo da criação de Deus’. E esse modelo ele claramente entende ser heterossexual. Assim, a distinção entre perversão e inversão (a

qual Paulo dificilmente poderia ter feito), está fora de ordem.”¹⁶

Quem é meu próximo?

Até agora temos falado acerca da homossexualidade em termos abstratos. Na vida real ela nunca aparece dessa forma; há sempre uma pessoa ou pessoas envolvidas. Muitos cristãos falam muito sobre a homossexualidade como se ela fosse algo em outro planeta. Isso ocorre, em grande medida, porque as pessoas deixam de fazer a distinção entre os homossexuais ativos, possivelmente promíscuos, e a pessoa com inclinações homossexuais, que não é sexualmente ativa. Portanto, o pensamento de encontrar um adventista homossexual é, para dizer de forma branda, muito desconfortável. Quando nos encontramos com um homossexual, descobrimos que ele, ou ela, é parte de nós – um ser humano com esperanças e planos, sonhos e desejos. Para muitas pessoas isto está muito próximo para ser entendido. Frequentemente tal situação revela a ambivalência e a vulnerabilidade dos nossos próprios impulsos sexuais. A chamada homofobia é frequentemente o medo do eu, ou medo do desconhecido. O medo levanta barreiras. O amor constrói pontes.

Em meu primeiro ano de ministério pastoral, fui abordado por um jovem quase com a minha idade, o qual confidenciou-me sua inclinação homossexual. Ele era um professor num internato de rapazes. Desejava ser moral e eticamente responsável pelos adolescentes sob sua responsabilidade, mas confessou que esta era a sua luta. Embora não possa lembrar-me de jamais ter formado anteriormente uma atitude acerca dos homossexuais, eu devo tê-los estereotipado como estúpidos, obscenos e sujos.

Minha primeira reação foi de descrença. Aqui estava um jovem devoto, consciente, inteligente e bem-educado, iniciando sua carreira profissional. Ele não poderia ser um homossexual. Ele era muito parecido comigo! Eu era muito jovem para oferecer-lhe aconselhamento ou sugestões. Lembrou-me de que estávamos sob algumas árvores, fora da chuva que caía leve, e discutimos suas opções, de amigo para amigo. Uma possibilidade seria ele servir como ministro, assim poderia tratar com outros grupos de pessoas que não jovens rapazes. Isso ele fez posteriormente. Tornou-se, e ainda é, um bem-sucedido ministro adventista do sétimo dia.

O jovem doutor da lei, na história de Je-

sus sobre o bom samaritano, desejava saber como herdar a vida eterna (Luc. 10:25-37). Jesus lhe disse "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo". O jovem doutor da lei, querendo justificar-se, perguntou "quem é o meu próximo?" A resposta de Jesus, a parábola do bom samaritano, ilustra que o próximo pode ser alguém contra quem nossa sociedade e a igreja têm mantido um preconceito tradicional. Quando Jesus terminou Sua história, Ele perguntou ao doutor da lei: "Qual destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?" O preconceito do doutor da lei ainda não permitiu que ele tomasse o nome samaritano nos seus lábios. Assim, ele disse: "Aquele que usou de misericórdia para com ele." E Jesus completou: "Vai tu, e faz o mesmo."

Como cristãos adventistas, exaltamos a inspiração e a autoridade da Bíblia. Não aceitamos o estilo de vida dos homossexuais como uma alternativa cristã. Rejeitamos isso não apenas por causa das declarações negativas das Escrituras, condenando tal prática. Nós a desaprovamos por causa das muitas afirmações bíblicas descrevendo o estilo de vida heterossexual como o plano de Deus para a sexualidade humana. Se a criação e queda, como descritas na Bíblia, corretamente descrevem nossa situação, então, afirmar as relações homossexuais como "naturais" é equivalente a considerar a queda como algo bom. Nesse caso, não necessitamos de redenção, e nos descartaríamos das Escrituras como algo irrelevante.

Muitos cristãos deploram as tentativas da literatura homossexual de mudar o testemunho bíblico. Como Jones observa, "a única forma de neutralizar o testemunho bíblico contra o comportamento homossexual é, ou grosseiramente mal interpretar a Bíblia, ou minimizar sua autoridade. Os apologistas do movimento 'cristão gay' tendem a fazer as duas coisas".¹⁷

Por outro lado, a Bíblia não dá à Igreja nenhum mandato para ameaçar o indivíduo com orientação homossexual como o pior pecador entre todos os outros. Se alguém com um problema de drogas ou álcool tem caído, somos motivados pelo amor de Cristo a intensificar nossa ajuda e cuidado por essa pessoa. O mesmo deve ser verdade com relação ao homossexual.

Nenhum de nós deveria subestimar o poder de Deus em transformar vidas e curá-las. Nossos mórbidos, e algumas vezes exagerados

medos e ódio pelos pecadores homossexuais, nunca deveriam ser transferidos para o indivíduo lutando com a homossexualidade. Se a igreja deve ministrar aos pecadores homossexuais, como ela deve ministrar aos demais pecadores, então deve tornar-se um lugar onde aqueles que sentem o desejo homossexual possam ser bem-vindos. Ele deve tornar-se um lugar onde tais pessoas possam receber o apoio da oração, aceitação e ajuda para mudar.

Referências:

1. Elizabeth R. Moberly, *Homosexuality: A New Christian Ethic*.
2. R. Bayer, *Homosexuality and American Psychiatry: The Politics of Diagnosis*, pág. 167. Aproximadamente quatro anos depois do voto, uma pesquisa descobriu que 69% dos psiquiatras crêem que a homossexualidade "geralmente representa uma adaptação patológica".
3. I. L. Ward, "Prenatal Stress Feminizes and Demasculinizes the Behavior of Males", *Science*, 175, (1982) pág. 82.
4. I. L. Ward, "The Prenatal Stress Syndrome: Current Status", *Psycho-neuroendocrinology*, 9, (1984), pág. 9.
5. S. LeVay, "A Diference in Hypothalamic Structure Between Heterosexual and Homosexual Men", *Science*, 253 (agosto 1991), págs. 1034-1037.
6. *Newsweek*, 24 de fevereiro de 1992, pág. 46.
7. *Idem, idem*.
8. J. M. Bailey, R. C. Pillard, "A Genetic Study of Male Sexual Orientation", *Archives of General Psychiatry*, 48, (dezembro 1991), págs. 1089-1095.
9. Esta é uma importante peça de pesquisa que tem recebido cobertura parcial da imprensa, comparada com a cobertura das pesquisas homossexuais. Ninguém está promovendo o estilo de vida alcoólico e ninguém está advogando os direitos dos alcoólatras. Ninguém considera ser isto uma condição normal, porque seja causada geneticamente.
10. Joe Callas, "Born Gay?" *Christianity Today*, 36, (junho 1992), pág. 93.
11. D. S. Bailey, *Homosexuality and the Western Christian Tradition*, págs. 1-5.
12. Outros autores se oporiam a este argumento, indicando I Cor. 11:14: "Ou não ensina a mesma natureza que é desonra para o varão ter o cabelo crescido?" "Natureza" aqui não parece significar mais do que o prevalecente costume social. A palavra "natureza", obviamente, tem muitos significados e cada um deve ser interpretado em seu contexto.
13. Ver Deuteronomio 23:17 e 18; I Reis 14:23 e 24.
14. Isto também seria verdade em I Cor. 6:9 e 10 e I Tim. 1:8-10.
15. Paulo usa o termo *para phusin* (contra, ao lado, ou contrário à natureza), e *kata phusin* (de acordo com a natureza). Essas palavras gregas são comumente usadas para expressar um julgamento ético sobre a homossexualidade. Isso é verdade em Platão (*Laws* I, 636; VIII, 841). Na literatura helenística a homossexualidade é usualmente referida como antinatural.
16. D. Field, *The Homosexual Way: A Christian Option?* pág. 16.
17. S. L. Jones, "The Loving Opposition", *Christianity Today*, 19 de julho de 1993, pág. 24.

O pastor e a igreja

HORNE P. SILVA

D.Min., ex-professor de Teologia, jubilado, reside em São Paulo, SP.

Ao vir a este mundo, Jesus tinha como objetivo primeiro o estabelecimento de Seu reino da graça. Posteriormente, estabeleceria o reino da glória. Para a execução desse plano salvífico, poderia contar com o Seu poder, ou convocar as hostes celestiais. De maneira extraordinária e miraculosa, o Seu evangelho poderia ser pregado, e todo o programa da salvação ser executado muito rapidamente, com êxito total.

Mas não foi este o processo escolhido por Deus. Nosso Pai resolveu salvar o homem através do homem, com o homem. Poderia ter usado outro método, porém, foi este o que escolheu. Assim sendo, Jesus, ao dar início a Seu ministério, chamou alguns poucos homens para auxiliá-Lo. Eram homens simples, um ou outro dotado de melhores condições intelectuais. Necessitavam ser trabalhados, melhor preparados. Sabendo que tinha pouco tempo, Jesus gastou cerca de dois terços do Seu tempo de trabalho preparando-os para o ministério. Através de palavras e ações, foilhes mostrando a tarefa que deveriam realizar.

A primeira coisa que Jesus fez com os Seus discípulos foi buscar convencê-los de que Ele era o Filho de Deus, o "Pão que desceu do Céu". Isso somente seria possível através da convivência diária deles com o Salvador. Por isso estavam juntos, dia e noite. E mais tarde puderam dizer que falavam daquilo que viram e ouviram.

O êxito da comissão

Passado o tempo de preparo e experiência, Jesus lhes ordenou: "Ide por todo o mundo, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas

as coisas que vos tenho ordenado, e eis que estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos." (Mat. 28:19 e 20).

Aqueles tímidos, limitados e medrosos discípulos, levantaram-se cheios de fé, convicção e disposição, de tal maneira que ninguém mais poderia segurá-los. Não havia hora nem lugar para falar a respeito do Salvador. Rejeitados, injuriados, perseguidos, saíam de uma prisão e entravam em outra; mas o evangelho seguiu seu curso, sendo divulgado no mundo conhecido de então.

Mas como isso foi possível? Primeiramente, eles ficaram em Jerusalém, reunidos, "perseverando unânimes em oração", até que receberam o Espírito Santo. E, cheios do Espírito Santo, explodiram por todos os lados com as boas novas de salvação.

No início eram doze, depois 70, depois 120, e depois cada converso tornava-se um discípulo pregador. Naquele tempo, o batismo era uma ordenação para pregar. Por isso, não é de admirar que o evangelho foi pregado a todo o mundo conhecido daquela época.

Com o crescimento da Igreja, apareceram os problemas que acabaram prejudicando o avanço da evangelização. Convocando-se toda a comunidade dos cristãos, foram eleitos diáconos para ajudar a Igreja e os apóstolos puderam consagrar-se exclusivamente "à oração e ao ministério da Palavra" (Atos 6:1-7).

Assim a Igreja crescia "contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos" (Atos 2:47).

Será que é possível repetir a mesma experiência de êxito evangelístico, vivida pela Igreja Apostólica? Alguns de nós, examinando os relatórios que chegam ao nosso conhecimento, sem dúvida nos apressaríamos

a dizer sim. Mas, nesse ponto, cabe outra indagação: Não estaríamos nós vivenciando um triunfalismo falso, baseado em números que talvez não correspondam à realidade? E ainda que sejam reais, o que isso representa diante de Deus, levando-se em conta os milhares de indivíduos que nunca ouviram do evangelho de Cristo?

Reavaliando prioridades

Inquieta-me a necessidade que temos, como pastores, de priorizar nossa vocação ministerial, a fim de conduzirmos a Igreja a uma experiência cristã elevada, e de íntima comunhão com seu Senhor. Isto é indispensável para que cumpramos os objetivos para os quais Deus nos chamou, e os propósitos para os quais Sua Igreja foi estabelecida. Devemos estar lembrados de que nem sempre o êxito segundo os homens se enquadra na medida do verdadeiro êxito, segundo Deus.

Mas, o que especificamente deveríamos fazer? E aqui passo a falar como membro da Igreja, por mais de cinco décadas, sobre aquilo que sei, vejo e sinto.

Para mim, o pastor é um sacerdote. O sacerdote era o representante do povo diante de Deus. Seu porta-voz e mediador entre Ele e o povo. O sacerdote dirigia o culto e instrua o povo com relação à vontade de Deus. Tinha a função especial de dirigir o cerimonial do santuário, presidia o culto público, intercedendo em favor do povo, para que este obtivesse o perdão dos pecados, incumbindo-se também da manutenção do ritual de boas relações entre Deus e Seus filhos.

Atualmente, os pastores exercem funções semelhantes. Em certo sentido são sacerdotes. Falando dos pastores, Ellen White os classifica como “representantes de Cristo”, “mensageiros de Deus”, “designados para atuar no lugar de Cristo”, “subpastores de Cristo”, “mordomos dos mistérios de Deus”, “guardiães espirituais do povo colocado sob seu cuidado”. Entre outras expressões. Embora creiamos que Cristo é o único sumo sacerdote e que o caminho para o Céu somente pode ser encontrado através dEle, cremos também que o pastor mostra esse caminho ao pecador. Nesse sentido, ele é, sim, um sacerdote.

Ministrar ou administrar

Infelizmente, o sacerdote desviou-se do seu caminho. Lemos em Oséias 3:9 que,

“como é o povo, assim é o sacerdote”. É uma tragédia que o sacerdote foi se tornando ainda pior do que o povo. É-nos dito, em Sofonias 2:4 que eles “profanaram o santuário, e violam a lei”. E Miquéias acrescenta que eles “ensinavam por interesse” (Miq. 3:11). Comentando esse versículo, Selden afirma que “os sacerdotes de Roma desejavam duas coisas: obter o poder dos reis e o dinheiro do povo”. Tal foi a delinquência sacerdotal que o último profeta do Velho Testamento disse: “Atirarei excremento aos vossos rostos” (Mal. 2:1-3).

Graças a Deus, que Jesus veio restaurar o trabalho do sacerdote como pastor. A Pedro, que mais tarde seria um grande pastor, Cristo indagou com insistência: “Amas-me?” Para em seguida, com a mesma ênfase amorosa, apontar-lhe a suprema prioridade: “Pastoreia as minhas ovelhas” (João 21:15-17). O discípulo ouviu também a comissão: “Ide e ensinai”.

Dessa forma, estou seguro de que o trabalho do pastor, como o do sacerdote, é mais de ministrar do que administrar.

Não necessitamos de multiplicar sermões e reuniões sobre o que devemos fazer e falar de Deus, ou de Cristo, aos outros. O de que mais necessitamos é Cristo. O falecido Pastor Robert Pierson, ex-presidente da Associação Geral, disse certa vez que “a maior necessidade do mundo hoje é de Cristo”. A maior necessidade dos meus amigos, irmãos da Igreja Adventista do Sétimo Dia é Cristo. Necessitamos conhecê-Lo. É possível que nos esforcemos para conhecê-Lo e não o conseguimos.

Possuir para dar

Alguém disse que evangelismo é partilhar Cristo. Mas como a Igreja pode compartilhar sua fé com os outros, quando não O conhece experimentalmente? Ela necessita, primeiro, recebê-Lo de alguém que O conheça como Moisés O conhecia. Alguém que seja amigo dos amigos de Deus, que tenha falado com Ele, como o faziam Abraão, Elias, Davi, Pedro, João e muitos outros.

Estamos, como Igreja, necessitando do Pão do Céu, porque temos fome. Necessitamos que a Água da Vida seja derramada em nossa alma ressequida. Sabemos que o sétimo dia é o verdadeiro sábado, conhecemos nossa obrigação quanto à devolução do dízimo,

nosso dever quanto à modéstia cristã. Sabemos que carne, cigarros, bebidas alcoólicas e drogas não nos fazem bem. Conhecemos as regras de um viver saudável. Estamos bem informados a respeito de muitas boas coisas, altamente necessárias. Mas carecemos saber mais sobre Deus e Seu Filho Jesus Cristo.

Se tivéssemos um relacionamento vivo com Cristo, quer como Igreja, quer como indivíduos, o mundo o perceberia; e, certamente, viria abordar-nos a Seu respeito. E nós teríamos alguma coisa para dizer ou para dar.

Dever pastoral

A mensagem de Cristo, Sua vida inteira, foi uma revelação do caráter de Deus. É lógico que, pela leitura da Bíblia e de outras obras inspiradas, podemos alcançar uma visão mais clara de Deus e começar a conhecê-Lo melhor. No entanto, desejo dizer aos meus queridos pastores, que, como membros da Igreja, anelamos muitíssimo ouvi-los falando desse conhecimento íntimo e pessoal com Deus, provendo-nos em primeira mão o conhecimento do Deus a quem servem.

Existem muitas pessoas que deixam a Igreja. E não procuram associar-se a nenhuma outra, porque sabem que não encontram uma que preencha o profundo vazio da alma. Saem desiludidas, amarguradas, famintas e sem esperança. Não conhecem a Deus. Nunca Lhe foram apresentadas. Aqueles que tinham a responsabilidade de revelá-Lo simplesmente falharam.

Nenhum pastor deveria usar como desculpa a informação de que cada pessoa pode conhecer a Deus através da leitura da Bíblia e da oração. É certo que através desses meios podemos conhecê-Lo. Mas, é também positivo quando podemos encontrar alguém que O conhece e vive para Ele, relacionando-se com Ele de forma dinâmica e pessoal, transmitindo-nos essa viva experiência. O Senhor poderia usar apenas o estudo da Bíblia e a oração para Se familiarizar conosco, mas viu a necessidade de usar seres humanos. Este é o seu método.

Sim, os membros da Igreja estão esperando ansiosamente por alguém que lhes ajude a ter uma experiência pessoal com Deus. Isso somente é possível quando o pastor, como um sacerdote, espera na presença de Deus, aprende dEle por meio do Espírito Santo, qualificando-se diante dos membros, trazendo-lhes a mensagem do Céu.

Conta-se que um padre encontrou-se com um homem, na rua, e perguntou-lhe: "Meu amigo, por favor, pode dizer-me onde fica o correio?" Depois que o transeunte ensinou o caminho, o padre, agradecido, disse-lhe: "Olha, meu filho, quando você quiser conhecer a Deus, pode vir falar comigo." Ao que o outro lhe respondeu: "Mas se o senhor não conhece o caminho do correio, como pode ensinar-me o caminho do Céu?"

Talvez seja isso o que esteja acontecendo entre nós. O pastor, ocupado com muitas boas coisas, não tem tempo para conhecer a Deus; por conseguinte, não tem Deus para partilhar com seu rebanho. Está tão ocupado em administrar que não tem tempo para ministrar.

"A idéia de que o ministro é que deve arcar com todos os encargos e fazer toda a obra é grande erro. Sobrecarregado e alquebrado, poderá descer à sepultura, quando, se os encargos tivessem sido divididos, como o Senhor pretendia, ele poderia ter vivido." (*Testimonies*, vol. 6, pág. 435).

Pefil pastoral

Em suma, os membros de qualquer igreja esperam que seu pastor seja portador das seguintes características:

1. Primeiro de tudo, um homem de Deus, vivendo com Deus, para trazê-Lo a nós.

2. Pregador de sermões bíblicos bem preparados, que não tenham o propósito de chicotear a igreja, mas de alimentá-la com o Pão da Vida.

3. Use os testemunhos do Espírito de Profecia como "uma luz menor para guiar à luz maior", que é a Bíblia. Esses testemunhos servem para orientar, guiar e unir a Igreja. Não são instrumentos de tortura.

4. Visitador dos membros, ricos e pobres, cultos e ignorantes, sem acepção de pessoas.

5. Disposição para orar pelos necessitados, e com eles, em seus lares.

6. Cuidado para não ferir ninguém com palavras duras e descortesias.

7. Sabedoria para sorrir, e ter sempre uma palavra de gratidão.

8. Ser estudioso, culto e atualizado.

9. Mensagens cristocêntricas, e não conceitos pessoais.

10. Ser um pastor, líder, cavalheiro, amigo e irmão.

Se me permitem, gostaria de chamar isso de Os Dez Mandamentos que os membros da igreja esperam ver e sentir em seus pastores.

AFAM

A sabedoria de Boaz

VASTI VIANA

Coordenadora da Afam na Divisão Sul-Americana.



No livro de Rute, encontramos o relato inspirado contando-nos a história dessa jovem mulher e enaltecendo as qualidades do casal Rute e Boaz. Ela, mulher estrangeira que se auto-naturalizou israelita. Ele, grande empresário de Belém.

Dentre seus bem-sucedidos negócios, Boaz possuía fazendas de produção de cereais. Ele negociava com os comerciantes argutos, como também habilmente lidava com os espertos atravessadores.

Mesmo com tantas ocupações, Boaz to-

mava tempo para ir, na época da sega, até às fazendas acompanhar de perto a colheita e conhecer cada um dos seus muitos segadores e empregados. Costumava saudar a todos, tratando-os com gentileza e cortesia, diferentemente de alguns orgulhosos senhores que sequer cumprimentam seus servidores; nem lhes dão ouvidos. Deveria soar muito agradável para aqueles empregados a costumeira saudação: "o Senhor seja convosco."

Boaz conhecia até os pobres e estrangeiros que respigavam em suas terras. Por isso, certo

dia notou que havia gente nova na respiga e perguntou: “Quem é esta moça?” O capataz deu-lhe informações detalhadas sobre a nova respigadora. (2:6 e 7). Falou-lhe que a novata lhe dissera – “deixa-me colher”, indicando claramente que não queria participar da respiga sem estar devidamente autorizada. O capataz notou esse detalhe e o contou a Boaz.

Deferências e cuidados

Ao tomar conhecimento de quem ela era, Boaz ordenou aos segadores que a tratassem com bondade e deferência. Ele mesmo dirigiu-se a ela dando-lhe as boas vindas e oferecendo-lhe boas condições para o trabalho (2:8 e 9). Além disso, elogiou-a pelo que estava fazendo em favor da sogra e da família do falecido, como também pediu ao Senhor uma bênção para ela, com bonita retórica, até meio poética (2:11 e 12). Rute respondeu a Boaz com firmeza, mostrando-se respeitosa e reconhecida.

Na hora do almoço, Boaz convidou-a para comer, e ele mesmo serviu-a com generosas porções. Ela comeu comodamente sentada, sem pressa, até fartar-se e ainda sobejou.

Rute trabalhou nos campos de Boaz até o final da sega. A idosa Noemi preocupava-se com Rute. “Quando eu morrer, como ficará essa minha jovem?”, pensava Noemi.

Então ela explicou para Rute como eram os costumes e leis dos israelitas quanto a casamentos e heranças. Noemi ficou na expectativa: “Será que Rute aceitará agir de acordo com os costumes e leis do povo de Israel?” Rute ouviu-a atentamente. Aliás, essa era uma das grandes virtudes de Rute – ouvir! Depois de ouvir as orientações, Rute poderia recusar-se alegando ser ridículo tomar as iniciativas. Afinal, no paganismo, onde fora criada, ela havia aprendido a obedecer as ordens masculinas sem questionar. E, mesmo que se atrevesse a falar, ela não seria ouvida nem suas idéias aceitas, pelo contrário, seria punida.

É um tratamento que comprime a alma fe-

minina, a faz murchar e sentir-se frustrada, diminuindo sua auto-estima e o gosto pela vida. Mas na verdade, é este o intuito do sistema social dos pagãos até mesmo nos dias de hoje. O objetivo é manter impune e livre a supremacia e o autoritarismo masculinos, mesmo às custas da anulação da mulher, que no seu conceito vale menos do que um objeto.

Sem preconceitos

Rute, porém, sentia-se livre deste preconceito, pois havia se auto-naturalizado israelita antes mesmo de deixar sua terra. Ela declarou: “O teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus.” Tudo muda para melhor na vida de uma pessoa, quando ela diz ao Senhor Jesus: “Tu és o meu Deus”. Jesus atende o convite, tornando-Se o Senhor da alma. Ele vem ao íntimo do ser e realiza poderosamente uma transformação tão maravilhosa, completa e perfeita, que não deixa traumas, nem sentimento de culpa e nem a sensação de perda por não continuar praticando os acariciados erros antigos.

Naquele momento, Rute estava vivendo esta experiência transformadora em sua vida, e ao ouvir as instruções, ela mostrou

mais uma vez à sua sogra que havia assumido totalmente a cidadania israelense. Ela se dispôs a enquadrar-se aos costumes do seu povo escolhido, e às leis do seu novo país. Ela disse à sua sogra: “Tudo quando me disseres farei.”

Naquela noite, Boaz estaria na eira acompanhando o peneiramento da cevada. Rute se preparou

e corajosamente foi cumprir sua parte do projeto. Imagino que, em sua expectativa, Rute não adormeceu, mas ficou vigilante. Mais tarde, Boaz acordou e percebeu a presença de uma mulher aos seus pés. Assustado e surpreso, indagou: “Quem és tu?”

Ao ouvir essa pergunta, Rute não procurou evasivas do tipo “ah, sou sua empregada estrangeira, e estou aqui porque minha sogra disse isso e aquilo sobre as leis de Israel...” Não. Rute estava ali por sua própria resolu-

Não ter o direito de ser ouvida é um tratamento que comprime a alma feminina, a faz murchar e sentir-se frustrada, diminuindo sua auto-estima e o gosto pela vida.

ção, após tomar conhecimento dos usos e costumes do povo de Israel, e não porque sua sogra determinou. Ela assumiu sua posição na sociedade israelense e pôde dizer com firmeza: "Sou Rute, ... e tu és o remidor."

Missão cumprida

E interessante notar que Boaz não criticou Rute por ter tomado a iniciativa, ou por ter ido vê-lo àquela hora da noite. Pelo contrário, deu sua palavra de apreciação por sua escolha (3:10). Boaz sabia o que deveria fazer como remidor, e acrescentou: "Vou fazer tudo o que me pede."

Que alegria Rute deve ter sentido! Missão cumprida. E o resultado? "Vou fazer tudo o que me pede."

E agora? Como voltaria Rute para casa sozinha, na escuridão da noite? Ambos eram tementes a Deus e tinham um bom nome a

manter. Então eles decidiram que eles mesmos seriam os primeiros a preservar seus nomes limpos e ela ficou deitada aos seus pés até antes do amanhecer. Agora que tudo estava acertado, Rute deve ter adormecido tranqüila, mas não sei se Boaz conseguiu conciliar o sono naquela madrugada (3:14).

Graças a Deus por homens de caráter íntegro como Boaz, que mesmo em circunstâncias tentadoras, colocam acima de tudo o temor de Deus e o bom nome como filhos do Rei Celestial, e preservam seu caráter puro, e o de outrem também.

Final feliz

Antes do sol raiar, Boaz disse para Rute: "Dá cá o roupão que tens sobre ti." Há uma tradução que diz "coloque sua capa no chão." Rute poderia ter pensado algo como "ora, por que no chão? Vai sujar de terra e palhas." No entanto o pronto atendimento até para coisas um tanto "estranhas" é mais espontâneo quando se confia. Na capa, Boaz colocou grande quantidade de cereais prontos para uso, e mandou de presente para Noemi, como que mostrando

aprovação para as instruções que dera à Rute. (3:16 e 17).

Boaz então tomou as providências legais cabíveis, casou-se com Rute, e, segundo o relato, "foram felizes para sempre". A maior felicidade do casal, todos nós sabemos, foi o fato de tomarem-se ambos avós do rei Davi. De sua descendência nasceu o Salvador do mundo!

Pastor, certamente você e sua esposa desejam que seu casamento perdure para sempre, cheio de amor e felicidade. Não seria o caso de observar as bem dirigidas atitudes de Boaz para com Rute?

Relembremos algumas:

A atenção e o carinho encontrados no tratamento de Boaz para com Rute, a moabita, são um exemplo a ser seguido pelos esposos.

1. Boaz, mesmo sendo tão ocupado, tomava tempo para falar com Rute (2:8, 11,14; 3:10 e 15). A comunicação fluente entre os dois é muito importante para o bom entendimento mútuo.

2. Boaz olhava para Rute quando falava com ela (2:10 e 13). Olhar no fundo dos olhos da pes-

soa amada, aproxima mais os corações.

3. Boaz elogiava as atitudes bonitas de Rute (2:11; 3:10 e 11). O elogio sincero, a palavra de apreciação, o reconhecimento, gratificam e animam a pessoa amada.

4. Boaz era sensível para com as expectativas de Rute e procurava prover-lhe condições e conforto (2:8 e 9). Essa atitude traz alegria e une mais os laços do coração.

5. Boaz convidava Rute para almoçar, sem pressa (2:4). Convites especiais, em datas comemorativas ou não, fazem a esposa sentir-se apreciada.

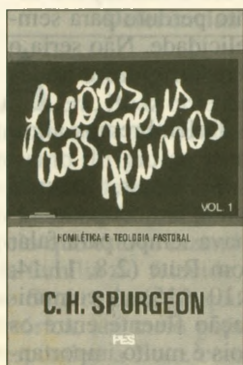
6. Boaz rogava bênçãos do Senhor para Rute (2:12). Orar e cultuar juntos alimenta o espírito e a alma.

7. Boaz não criticava as atitudes de Rute, antes a compreendia ((3:10 e 11). A crítica faz feridas nos corações, mas a compreensão constrói a solidez das afeições.

8. Boaz tinha uma conduta em público que preservava seu bom nome e o de Rute (3:11 e 14). O respeito mútuo promove a duração do relacionamento.

A sabedoria de Boaz alegrou e enriqueceu o relacionamento com Rute. Pense nisso, e ore para que o seu coração aceite e vivencie essa gratificante experiência.

BIBLIOTECA DO PASTOR



LIÇÕES AOS MEUS ALUNOS, vol. I – C. H. Spurgeon, *Publicações Evangélicas Seleccionadas*, São Paulo, SP; 209 páginas.

Charles Haddon Spurgeon, “o príncipe dos pregadores”, é encontrado neste livro, na melhor expressão do seu ensino pastoral. As lições constantes nos dez capítulos foram originalmente dirigidas aos seus alunos na Escola Bíblica que fundou para preparar pastores. Ninguém que se sente chamado para pregar a Palavra de Deus pode dar-se ao luxo de negligenciar a leitura de uma obra tão reconhecida e marcante que trata do assunto da pregação.

ções constantes nos dez capítulos foram originalmente dirigidas aos seus alunos na Escola Bíblica que fundou para preparar pastores. Ninguém que se sente chamado para pregar a Palavra de Deus pode dar-se ao luxo de negligenciar a leitura de uma obra tão reconhecida e marcante que trata do assunto da pregação.



THE APPARENT DELAY – Arnold Wallenkampf, *Review and Herald Publishing Association, U.S.A.*, 126 páginas.

Muitos adventistas do sétimo dia cresceram esperando o retorno do Senhor. Como seus irmãos e queridos que já morreram,

até sentem alguma dose de culpa pelo aparente retardamento. Será que não existe algo que possa ser feito para apressar este acontecimento? O Dr. Wallenkampf examina o que a Bíblia e os escritos de Ellen White falam sobre a época da segunda vinda de Cristo, e chega a uma positiva conclusão: Não precisamos nos sentir culpados pela “demora”. Devemos estar alegres pelo fato de que Deus ainda controla os eventos, e que Ele virá no tempo que Ele mesmo estabeleceu.



PREDESTINAÇÃO E LIVRE ARBÍTRIO – John Feinberg, Norman Geisler, Bruce Reichenbach e Clark Pinnock; *Editora Mundo Cristão*, São Paulo, SP, 217 páginas.

Se Deus controla tudo, será que as pessoas são realmente livres? Esta pergunta tem perturbado os cristãos há séculos. As respostas abrem-se num leque muito amplo. Até hoje há muita discordância. Alguns vêm no livre arbítrio humano um reflexo do poder de Deus, que Ele mesmo autolimitou. Outros consideram o livre arbítrio no contexto do controle geral exercido por Deus. Neste livro, são apresentadas quatro perspectivas sobre a soberania de Deus e a liberdade humana.



PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA – Louis Berkhof, Juerp, Rio de Janeiro, RJ; 173 páginas.

Ciência da interpretação é a melhor maneira de explicar o que significa a palavra hermenêutica, que não é outra coisa senão uma forma de leitura. Alguém já afirmou que não há leitura que não seja hermenêutica, porque ler sem entender não é ler, é apenas articular palavras. Isso se aplica ao leitor da Bíblia que muitas vezes abandona a sua leitura, especialmente a de trechos não narrativos, porque não entende o que está lendo. *Princípios de Interpretação Bíblica* é um livro capaz de ajudar o estudante da Bíblia a firmar-se nos meandros da interpretação e conduzir o leitor comum ao bom entendimento da Palavra de Deus.